

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (*Per*)cursos da graduação em História: *entre a iniciação científica e a conclusão de curso*, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontínuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontínuos@dirbi.ufu.br).

Raimundo Ferreira Filho

# O FERMENTO DA MASSA

A trajetória do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação e Afins de Uberlândia 1961-1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
História - CDHIS  
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)  
Av. Universitária S/Nº  
Cep 38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Ciências Humanas e Artes  
Departamento de História

Setembro de 1998

2199

S. 9  
(c)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
Centro de Documentação e Pesquisa em  
História - CDHIS  
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)  
Av. Universitária S/Nº  
Cep 38400-972 - Uberlândia - M. G. - Brasil

**Raimundo Ferreira Filho**

# **O FERMENTO DA MASSA**

A trajetória do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria  
de Alimentação e Afins de Uberlândia 1961-1989.

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Bacharel em História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio de Almeida. Curso de História, Centro de Ciências Humanas e artes.

Universidade Federal de Uberlândia  
Uberlândia – setembro 1998



Sede da Entidade – Prédio “ Centenário 1º de Maio”- Sito a rua Benjamin Constant, 529, Uberlândia - MG



## AGRADECIMENTOS

Tarefa difícil, senão impossível, traçar aqui um quadro completo de todos aqueles que, de forma pessoal ou institucional, contribuíram para a realização desse trabalho.

De alguma maneira, entretanto, gostaria de registrar aqui algumas contribuições mais decisivas estendendo, ao mesmo tempo, o meu agradecimento a todos.

Ao professor Antônio de Almeida pela orientação e que confiou-me a responsabilidade que temos de atuar em nossa sociedade.

A professora Kátia Sousa Rodrigues, pela orientação primeira neste trabalho, quando ainda era mero projeto.

Ao José de Sousa Prado, Josué F. Reges por conceder parte do seu precioso tempo nas entrevistas.

A Cleber Pereira dos Santos, Francisco J.G.P. Medeiros; Solange de Fátima Silva; Valéria da Rocha Santos e Maria Perpétua; Trabalhadores do STIAU, que auxiliaram nas buscas das fontes e seu acesso.

À Andréia e a Patrícia Rodrigues Silva que me ajudou nas transcrições das fontes. À Sandra Lima e Soene Ozana de Lima, que esteve ao meu lado discutindo a diversidade do tema.

À Sandra Suzeli Doná, companheira inseparável, meus agradecimentos mais íntimos.

À Lara Araújo de Souza, que neste mês de agosto de 98, contagiou de alegria todos nós com sua presença.

E por fim, mas não por última, aos meus pais, Raimundo e Iracema, o meu eterno agradecimento.

# ÍNDICE

## Agradecimentos

Introdução.....	I
-----------------	---

## Capítulo 1

### DE ASSOCIAÇÃO À SINDICATO: UM INÍCIO MARCADO POR DIFICULDADES E CONTRADIÇÕES.

A Industrialização e o Processo de Constituição das Organizações Sindicais em Uberlândia.....	1
Surge o STIAU.....	11
As Limitações de um Sindicalismo Oficial.....	23

## Capítulo 2

### A OPOSIÇÃO E UMA NOVA PROPOSTA SINDICAL

Uma Disputa Acirrada.....	39
Da Eleição à Posse: As Dificuldades da Oposição Para Assumir o Sindicato.....	47
Um Novo Rumo Para o Sindicato.....	52
A Filiação a CUT.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
BIBLIOGRAFIAS.....	82
FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS.....	84
ANEXO.....	85

## INTRODUÇÃO:

O trabalho em questão, refere-se a análise da trajetória e atuação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação e Afins de Uberlândia. Esta pesquisa partiu de uma certa forma da necessidade que temos de compreender as lutas dos trabalhadores em Uberlândia, das influências que sofreram no início da sua organização, e de como esse sindicato, enquanto representante dessa categoria de trabalhadores, tem buscado mecanismos para solucionar os problemas enfrentados por seus representados, bem como quais ações e estratégias políticas têm sido desenvolvidas para atingir esse objetivo.

Trabalhar com o tema, sindicalismo, foi para mim um misto de amor e desamor, ao adentrar na pesquisa. Por um lado, foi no levantamento dos documentos pesquisados que pude efetivamente analisar sentir o quanto o trabalho de pesquisar exige daqueles que assumem essa empreitada. E, ao sentir a história assumir a forma de texto, enquanto uma possível explicação da realidade foi uma das maiores recompensas que o curso permitiu-me. Por outro lado, ao fazer a pesquisa in loco, deparei-me mal preservados e arquivos precariamente organizados. Os documentos muitas das vezes, apresentavam-se esparsos e de difícil localização exigindo do pesquisador uma verdadeira garimpagem. As anotações em atas do sindicato, citando incinerações de documentação como forma de aliviar o espaço físico, dão o tom das dificuldades enfrentadas. Tais documentos comumente tratados como verdadeiros entulhos que precisam ser removidos sem nenhum critério de



observação quanto a sua contribuição para a história. O lamentável disso tudo é saber que muitos desses registros ficaram perdidos para sempre com uma irrecuperável perda para a história. Isso, além de tudo, revela uma mentalidade que não privilegia a preservação da própria do próprio trabalhador, como forma de resgate da sua trajetória e identidade.

O contato com as fontes relativas aos primeiros anos do Sindicato dos Trabalhadores na Alimentação, mostraram uma entidade essencialmente presa as exigências burocráticas da estrutura sindical brasileira: além de incessantes brigas internas pela direção da entidade, sendo que por sucessivas gestões, houve pouco revezamento dos seus membros, especialmente do presidente.

Os jornais locais ofereceram poucas informações sobre a atuação da entidade, desconhecendo o empenho dos trabalhadores nas transformações sociais. Com a continuidade do trabalho, pude descobrir que a entidade em questão, assim como muitas outras do mesmo período, surgiram em um período historicamente centrado no projeto político da disciplina, ordem e progresso que tinha como carro chefe a para sua difusão a imprensa local. Daí, a conclusão lógica do porque daquele silêncio em relação as organizações dos trabalhadores.

A existência de uma vasta bibliografia que trata do tema do movimento operário no contexto internacional, mostra o grau de preocupação de teóricos, pensadores e até mesmo da própria camada operária em tentar definir e entender a maneira como os trabalhadores se situam e se relacionam no ambiente capitalista.

Autores como E.P.Thompson, Castoriadis, Hobsbawm e vários outros, trazem significativas contribuições para o entendimento desse universo. Nos estudos de Thompson sobre a classe operária inglesa, aparece um universo onde os trabalhadores são estudados a partir das suas experiências e das suas condições e vida diária, onde a classe é entendida como se auto-construindo ao longo de um processo, “(...) o fato relevante do período entre 1790 e 1830 é a formação da classe operária. E isto é revelado em primeiro lugar, no crescimento da consciência de classe: a consciência de uma identidade de interesses entre todos esses diversos grupos de trabalhadores, contra os interesses de outras classes. E, em segundo lugar, no crescimento de formas correspondentes de organização política e industrial”.<sup>1</sup> Mas isso não significa que ela surgiu neste período, como fruto da Revolução Industrial: as suas bases estavam ali presentes, durante o seu próprio processo de constituição. Thompson percebe modificações no interior da classe salientando as diferenciações internas que ela sofreu, o desaparecimento de antigos ofícios e o aparecimento de novas qualificações, a evolução do modo de vida, as distâncias em relação a outras camadas sociais, as mudanças nos costumes, nas aspirações, na relação das camadas operárias com as organizações que dizem representá-las e etc. Esse estudo de Thompson partindo da análise cotidiano das pessoas, além de fazer um resgate do movimento operário, propõem uma nova maneira de buscar e de investigar as experiências dos trabalhadores.

---

<sup>1</sup> THOMPSON, Edward P. A Formação da Classe Operária Inglesa. RJ, Paz e Terra, V.2 1987, pg 17



não apenas em suas relações econômicas mas nos seus modos de vida, em suas lutas diárias, nas suas formas de morar, vestir, comer, festejar e cantar, mostrando uma nova maneira de ver a luta de classes em seu processo histórico.

Vale aqui mencionar também as de Castoriadis sobre essa temática. Uma questão que ele levanta em um de seus trabalhos sobre o movimento operário e que é bastante peculiar pensar sobre isso hoje, diz respeito ao papel histórico do proletariado: será que ele tem mesmo o papel de transformar a sociedade? Assim o autor aponta para dois campos de realidades de fato distintos. O refere-se a “ (...) operários preocupados com suas reivindicações imediatas, tentando fazê-las triunfar através de formas de lutas específicas e agrupando-se para esse fim em organizações com objetivos bastante circunscritos (essencialmente sindicais)”. O segundo fala de “ (...) militantes políticos que qualitativamente definem por uma ideologia coerente e por um programa”<sup>2</sup>. Esses aspectos salientados, mostra-nos que os operários, preocupados com suas reivindicações imediatas, só seriam motivados a revolução se a situação econômica os levasse a miséria e ao desemprego, fator esse que também os levaria a compreender as lutas políticas do partido. A ligação então entre os militantes políticos e os operários se daria “ (...) pelo fato

---

<sup>2</sup> CASTORIADIS, Cornelius. A Experiência do Movimento Operário, SP, Brasiliense, 1985, p.11

*de que as preocupações dos operários são uns dos dados dos diferentes problemas táticos que os militantes se põem*<sup>3</sup>. Trata-se, portanto de saber como essa lutas imediatas dos operários podem ser influenciadas pelas idéias e pela organização dos militantes, e como eles podem ser levados a superar o imediatismo elevando o nível das preocupações históricas da organização. Mas o que fazem do proletariado o depositário de uma missão revolucionária? Assim, argumenta o autor *"(...) esse fundamento é o postulado de que a verdade passada, presente e futura de evolução histórica já estaria desde agora sob o domínio de uma teoria essencialmente acabada"* e portanto o *"(...) papel histórico do proletariado só é tal na medida em que ele faz o que a teoria sabe e produz que ele deve fazer e fará."*<sup>4</sup>. Essas são algumas das questões que nos levam a refletir sobre o papel do movimento operário também nos dias de hoje.

No Brasil, muitos autores também trabalharam e continuam trabalhando as questões do movimento operário e do sindicato, dentre eles vale destacar a enorme contribuição de Ricardo Antunes. Várias de suas obras contribuíram para uma melhor compreensão do sindicalismo no país, da luta do movimento operário e do processo de sua organização. Em sua obra *"O que é Sindicalismo"* ele mostra que a atuação do sindicato baseia-se nas *" (...) lutas*

---

<sup>4</sup> idem, p. 17

*cotidianas da classe operária , sendo uma força organizadora que luta pela supressão do sistema de trabalho assalariado*<sup>5</sup>, e ao torna-se representante dos “(...) interesses de toda a classe operária , conseguiu agrupar em seu seio todos os assalariados que não estavam organizados, evitando que operário continuasse sua luta isolada e individual frente ao capitalismo.<sup>6</sup>” Não obstante, salienta que os sindicatos no Brasil, durante sua trajetória foi mesclado por concepções de caráter anarquista , reformistas corporativista e socialista. Essa correntes contribuíram para fortalecer de certa maneira as lutas e repensar os caminhos do trabalhador frente a ordem estabelecida pelo Estado. Ainda é possível perceber sua contestação sobre o pluralismo sindical, apontando para um ponto significativo onde, “(...) um sindicato dentre vários outros do mesmo setor se julga no direito de representar a categoria, sendo que ele não têm representabilidade para tal ação”<sup>7</sup>; assim esse pluralismo sindical , apontaria para um ponto nefasto para os operários, a existência de sindicatos por empresas, os quais não representaria a luta da maioria, e sim a luta particular dos patrões. Para ele a única garantia para o trabalhador é a criação de uma central unitária e forte que garantiria a “(...) representatividade para cada ramo de atividade em uma determinada região, evitando a divisão e o conseqüente enfraquecimento do movimento sindical.<sup>8</sup>” Essas questões e mais a diminuição da jornada de trabalho, melhorias nas condições de trabalho, lutas por melhores salários e estabilidade

---

<sup>5</sup> ANTUNES, Ricardo. O que sindicalismo. SP.Brasiliense,1980 p.13

<sup>6</sup> idem.p 13

<sup>7</sup> idem p.37

<sup>8</sup> idem p.37-38



no emprego são alguns dos objetivos que levaram a discussão de se criar uma Central Sindical. Assim os primeiros congressos que se têm notícia datam do início do século, sendo a COB (Confederação Operária Brasileira), a primeira experiência confederativa dos trabalhadores brasileiros. Outras tentativas, como a CGTB ( confederação geral dos trabalhadores brasileiros ) de 1929; a CGT ( comando geral dos trabalhadores ) de 1962 por exemplo, foram algumas das tentativas de organização de uma entidade nacional que unificasse sindicalmente as forças do trabalho. Mas de proporção e anseio igual, foi a repressão feroz da ordem, em dismantelar e coibir o movimento sindical.

Em meados dos anos 70 uma nova ação sindical, atuando por dentro das antigas estruturas sindicais de atrelamento ao governo, pouco a pouco foi iniciando um lento processo de mudança e transformação desta mesma estrutura sindical. Essa tendência surgiu na região do ABC, onde encontravam os operários de maior nível de qualificação profissional e de educação formal existente no país. Trata-se portanto de uma classe operária bem informada que, atuando num setor de ponta da indústria e do capitalismo brasileiro, tinha o poder de pressão e negociação . Nos anos 80, com a primeira Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT), os trabalhadores de todo país, se reuniram para unificar suas lutas e discutir sua organização nacional. Foi a partir desta conferência, que uma comissão nacional eleita traçaria metas e objetivos para a criação de uma Central Sindical. Basicamente duas grandes tendências confluíram para a discussão em torno da criação da Central Sindical. Uma ala composta pelos metalúrgicos de São Bernardo, que teve

como expressiva figura. Luis Inácio, o LULA. Estes metalúrgicos oriundos do ABC, representavam uma forma de *novo sindicalismo*<sup>9</sup>, mais combativo, que questionava a prevalência de uma burocracia sindical e de um peleguismo sobre as entidades sindicais. Outra tendência, era constituída pelas *oposições sindicais*, mais refratárias à ação por dentro da estrutura sindical, e que traziam como bandeira de central, a luta pelos organismos de base, especialmente pelas comissões de fábrica, independente da estrutura sindical. Era marcado pela presença de ex-militantes da esquerda organizada, além de um contingente expressivo oriundo da esquerda católica. Foi portanto destas duas grandes tendências que nasceu o projeto de criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

É nesse contexto que se insereve a criação e o desenvolvimento do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústria de alimentação de Uberlândia. Estudá-lo, procurando compreender as suas práticas, princípios políticos e também as suas contradições é o desafio que nos propomos neste trabalho.

A redação final deste trabalho está organizada em dois capítulos. No primeiro procura mostrar o contexto histórico de Uberlândia, cenário de criação do STIAU e os passos iniciais da criação dessa entidade.

---

<sup>9</sup> Sobre o novo sindicalismo e oposição sindical, consultei ANTUNES Ricardo O novo sindicalismo no Brasil, Campinas, SP, Ponte, 1995. Consulte também Moises, José Alvaro et alii. Alternativas populares da democracia: Brasil anos 80, Petrópolis, vozes, 1982



O segundo capítulo discute fundamentalmente uma nova orientação política adotada no interior do sindicato que contou, entre outras coisas, com a presença de uma direção compromissada com uma ação de combatividade e de politização da categoria representada.

## CAPÍTULO 1

### DE ASSOCIAÇÃO À SINDICATO: UM INÍCIO MARCADO POR DIFICULDADES E CONTRADIÇÕES.

#### **A Industrialização e o Processo de Constituição das Organizações Sindicais em Uberlândia.**

A expansão das organizações associativas e sindicais na cidade de Uberlândia, com ênfase para a segunda metade da década de 1950 e para os primeiros anos da década de 60, pode ser compreendida a partir da perspectiva de que o ambiente, para a sua concretização, já fora forjado a partir das idéias assentadas no progresso, que contribuíram para uma ampla organização de um parque industrial o qual se fazia presente no interior dos projetos da elite local.

A referida industrialização foi, nesse período, em grande medida, responsável pelas transformações urbanas e sociais ocorridas no município. O discurso industrializante tornou-se, então, hegemônico nesse momento em que o padrão de acumulação saía da órbita do setor agrário-exportador para o urbano-industrial. As relações estabelecidas entre o campo e a cidade iam aos poucos sendo caracterizadas pela migração do primeiro para a segunda na medida em que a população camponesa, objetivando atenuar as precárias condições de trabalho vivenciadas no campo, ou ainda, atraídas pela propaganda posta pela

imprensa local para a concretização dos ideais da industrialização, vislumbrava no urbano as possibilidades de melhorias das condições de vida e trabalho.

Esse movimento populacional no município de Uberlândia fica bastante evidenciado a partir das próprias estatísticas oficiais. Nesse sentido, enquanto no ano de 1940 a população uberlandense total era de aproximadamente 42.200 habitantes e sua parcela rural correspondia a 47,5%; dez anos depois esse percentual de moradores do campo cai para 34,9%. Já a partir de 1960, quando o processo de industrialização havia se intensificado, Uberlândia contava com uma população em torno de 88.300 habitantes, das quais a população urbana representava 81,2%, contra apenas 18,8% da rural. Isso se torna ainda mais relevante quando se observa o ocorrido entre os anos de 1970 e 1980, quando se verifica um grande crescimento populacional que eleva o número de habitantes do município para 152.600 habitantes, sendo que apenas 3,6% representava a população rural.<sup>1</sup> Cabe observar que contribuiu para o resultado desse aumento populacional também as imigrações provenientes das cidades vizinhas ou mesmo de outros Estados. Percebemos então que o processo de industrialização verificado em Uberlândia foi um dos responsáveis pelo incentivo para o deslocamento de uma massa de trabalhadores que via nessa região uma possibilidade de sobrevivência.

---

<sup>1</sup> Conforme censo demográfico de MG 1940-1980 – Anuário estatístico de MG 1982; IN SOARES, Beatriz Ribeiro. Habitação e produção do espaço em Uberlândia, Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1988 p.40.

Uberlândia contou com um fator decisivo que possibilitou-lhe caminhar para esse processo de industrialização: a sua própria posição geográfica. Isso tornou-se mais evidente quando o governo federal resolveu transferir a capital do Brasil para a região central do país. A partir daí vários benefícios foram trazidos para essa região, dando novos rumos à cidade. Assim, essa interiorização da capital arrastou consigo um grande crescimento econômico; observou-se construção de estradas que ligariam Goiás e Mato Grosso ao Triângulo Mineiro e este a São Paulo e Rio de Janeiro.

Em meados dos anos 50, a política de desenvolvimento fomentada pelo governo Federal, fez com que se instalassem no Brasil as indústrias alimentícias, de vestuário e de eletrodoméstico, em decorrência da política de substituição de importações. Nesse mesmo período, as vantagens oriundas da implantação do capital estrangeiro, principalmente no que dizia respeito às indústrias automobilísticas, reforçou e incentivou mais ainda, a construção de novas estradas no país. Uberlândia começa a despontar como um importante entreposto comercial, valendo-se da sua privilegiada posição geográfica que a situa num entroncamento de rodovias estaduais e federais. Isso possibilitou dinamizar a sua economia, ampliar a sua capacidade de armazenagem e de distribuição dos gêneros alimentícios produzidos no Centro Oeste e no próprio Triângulo Mineiro, expandir a indústria da construção civil, ampliar sua área urbana e



promover o crescimento da indústria alimentícia articulada à produção agropecuária.

Em 1955, das 118 indústrias aqui instaladas, 59 delas pertenciam ao ramo da alimentação. Dentre elas podemos destacar as indústrias de bebidas, de carnes e charque e de beneficiamento de arroz, que compunham ao todo 27.<sup>2</sup> Em 1975, as atividades industriais alimentícias na região já apontavam para um crescimento quantitativo e empregatício muito grande. Nas 395 indústrias aqui instaladas nesse período, a média mensal do pessoal ocupado era de 6.435 trabalhadores. Dessas indústrias, 107 pertenciam ao setor alimentar e empregavam 2.244 trabalhadores, ou seja, 34,87% do pessoal ocupado encontrava-se trabalhando só nessas atividades industriais<sup>3</sup>.

Esse crescente número de trabalhadores vinculados ao ramo da indústria alimentícia, na cidade, não foi suficiente para despertar nos mesmos, interesse pela organização sindical, sobretudo como precursores. Ao contrário, suas ações preliminares na constituição sindical, apontavam para uma relação de proximidade com o poder local instituído.

Na verdade, antes mesmo de qualquer instituição sindical ser oficializada no município, alguns movimentos de trabalhadores já haviam despontado desde

<sup>2</sup> Anuário das indústrias do Estado de Minas Gerais – 1955 – FEEMG, citado por FREITAS, P.S.R e SAMPAIO, R (coord.), Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Uberlândia, UFU, 1985.

<sup>3</sup> Conforme censo Industrial : Minas Gerais, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, RJ, IBGE, 1979, vol.2 pp.172-173



as primeiras décadas deste século. Com as chamadas Ligas Operárias<sup>4</sup>, que surgiram na cidade nos anos de 1911 e 1924, nelas os trabalhadores já discutiam em seu interior problemas como redução da jornada de trabalho, aumento de salários e outras formas de relacionamento entre patrão e empregado. Tais organizações tinham uma forte presença de estrangeiros, principalmente de origem italiana. Não há dúvida que estas organizações tinham o intuito de sanar algumas das dificuldades aqui enfrentadas pelos trabalhadores neste período: difícil, entretanto, é perceber a sua influência nas organizações futuras da classe de trabalhador local já que isso não aparece nos documentos ou depoimento dos militantes.

Hall e Pinheiro<sup>5</sup>, analisando a presença de imigrantes europeus na região de São Paulo colocam que, por um lado *“os imigrantes europeus são apontados como tendo sido modelos de militância e experiência política”*, por outro, *“suas aspirações por uma mobilidade social ascendente são consideradas como obstáculos à formação de um forte movimento operário.”* Aqui em Uberlândia os membros da maioria das famílias imigrantes, que ainda é possível encontrar atualmente, vieram mais com intuito de se transformarem em proprietários do que fazerem parte da camada de trabalhadores assalariados. Embora um grande número deles assumiram essa última condição.

<sup>4</sup> Conforme o Jornal O Progresso 22-04-1911; 21-08-1914 e 16-11-1924

<sup>5</sup> HALL, Michael M. E PINHEIRO, Paulo Sérgio - Alargando a História da Classe Operária: organização, Lutas e Controle. Coleção Remate de Males, São Paulo, nº 5, p.100

Para que o tom da industrialização ganhasse espaço no social, e se tornasse o ponto chave da modernidade, torna-se necessário centrar esforço no pensamento da ordem e do progresso, o que progressivamente vinha sendo trabalhado no seio da sociedade Uberlandense. Assim, conceitos como trabalho e disciplina, ordem e progresso, eram difundidos nos mais diversos espaços sociais, a fim de serem assimilados pelas massas trabalhadoras. Entre as preocupações presentes cabe destacar a necessidade de disciplinarização das massas no que diz respeito à adequação dessa mão-de-obra para o mercado de trabalho, onde foi de fundamental importância o papel desempenhado pelas escolas profissionalizantes representadas pelo SESI e SENAC. Na ótica do capital, até mesmo os sindicatos foram concebidos dentro de uma perspectiva que condiz claramente com as necessidades de modernidade, progresso e ordem.

Coube portanto à imprensa esse importante papel de divulgação dos valores, promovendo um discurso generalizador, objetivando transformar um projeto gerado pela classe dirigente, e própria beneficiária, em um projeto dito extensivo a toda uma sociedade.

Embora Uberlândia apresentasse significativo índice de crescimento e desenvolvimento, os representantes por esse "progresso" da cidade, foram incapazes de aliar o processo de industrialização com a melhoria das condições de vida da população trabalhadora. Essa relação é importante quando se parte da hipótese de que não há como desvincular o indivíduo do seu espaço onde habita.

*John  
C. S.  
1953  
no livro  
de...*

Ele acaba sendo produto do seu meio, das suas relações sociais de existência. Também a mesma consideração poderá ser feita com relação à formação de suas entidades representativas. Nesse espaço urbano que o trabalhador ocupa delinê-se da forma indissociada com as condições de habitação, considerada aqui como um dos “*elementos essenciais à reprodução da força de trabalho, enquanto abrigo, local de reposição do desgaste físico e de satisfação das necessidades de natureza física, social e cultural dos trabalhadores*”<sup>6</sup>.

As alterações sofridas pela população se agravaram ainda mais no instante em que se define o local que cada um deve ocupar nesse espaço social urbano, refletidas sobretudo nas condições de poder aquisitivo que estão sujeitos os indivíduos. Com a industrialização, o sistema urbano tende a expandir. Ao estabelecer esta lógica, pode-se perceber o surgimento de classe sociais diferenciadas em seus valores, tradições e modo de vida. O urbano configura-se com a industrialização, impondo sobre o espaço a necessidade do progresso, resultando em grandes projetos de edificações nas regiões centrais e um projeto de urbanização para as regiões periféricas, construídas sobretudo para alojar a mão-de-obra suficiente para manter as necessidades capitalistas de produção.

Veja como é retratada por um articulista local a realidade de um dos bairros periféricos de Uberlândia:

---

<sup>6</sup> SOARES, Beatriz Ribeiro – *Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia*, dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 1988, p.1



*“ Aclimação, outro bairro esquecido da cidade (...) sem a infra-estrutura elementar de água, luz e esgoto. Não existe linha de ônibus por perto e os pais esperam que as crianças cresçam para poder ir à escola sozinha em outro bairro, de cerca de 6 quilômetros de distância. A população pede luz, ônibus e esgoto. O acesso ao bairro é feito pela estrada do aeroporto: toma-se uma estrada de terra cheia de buracos e se chega ao bairro. As ruas são todas em declive e a erosão está fazendo estragos que representam ameaças sérias aos moradores. A maioria dos moradores aponta como maiores problemas, os esgotos e a falta de escolas. Há 4 anos os moradores usam velas e lâmparinas para iluminar as casas, porque não existe luz elétrica.”*

Os lugares mencionados para construção dos habitacionais, geralmente, localizam-se muito distantes do centro comercial, dificultando à maioria dos trabalhadores acesso aos bens de consumo coletivo, (água, luz, energia elétrica, transporte e saneamento). Sujeitos à exploração do capital, esses moradores foram atirados para os arredores da cidade, enquanto a região central da mesma se projetava com sua opulência de concreto armado, deleitando-se sobre os seus inúmeros apartamentos destinados às classes altas e média alta, que em sintonia com o progresso faziam parte da imagem de uma cidade progressista e moderna.

---

<sup>7</sup> ACLIMAÇÃO- Um bairro esquecido da cidade. Primeira Hora. Uberlândia, 25-11-81, p.2

Por outro lado, nos arredores da cidade o crescimento horizontal apresentava-se desordenado, sem planejamento e sem infra-estrutura de saneamento básico, dispendo de uma baixa renda familiar essa massa de despossuídos procurava apelo nos órgãos públicos instituídos na tentativa de encontrar uma solução.<sup>8</sup> Os conjuntos habitacionais sofriam com as precárias condições de transporte coletivo, a falta de energia elétrica, as ruas sem pavimentação e esburacadas e sem um sistema eficiente de limpeza urbana que evitasse o acúmulo de lixo nos bairros, que eram por sua vez raramente servidos por redes de água e esgoto.

Segundo Soares:

*“As melhores áreas servidas de todo equipamento coletivo, eram ocupadas pelas classes sociais de maior poder aquisitivo, restando as classes populares, segregadas social e espacialmente a periferia urbana carente de toda ordem dos bens de consumo coletivo.”<sup>9</sup>*

Essas questões, por um bom período ficaram sem uma solução, mas contribuíram de certa maneira para estimular a formação de organizações de moradores que ali instalados, se mobilizaram para reivindicar junto ao Poder Público Municipal a extensão daqueles serviços básicos.

---

<sup>8</sup> Conforme ata da diretoria do STIAU 14-02-67. Apontam o sindicato intermediando um financiamento com o Banco Nacional de Habitação, para alguns associados que queriam construir a casa própria. Outras instituições também tentaram solucionar o problema da habitação



A maneira como é feita a ocupação do solo urbano, distribuídos a grandes distâncias do centro comercial, tornam claras os mecanismos adotados de forma especulativa para valorização do solo. Devido ao seu baixo poder aquisitivo, os trabalhadores são obrigados a ocupar esses espaço apesar de que entre o centro urbano e os locais escolhidos para os conjuntos predominam grandes extensões de terras que são postas para valorizar, na medida que a ocupação dos conjuntos é realizada.

Por outro lado, ainda que indiretamente, a localização desses conjuntos habitacionais periféricos têm contribuído para desarticular a organização da classe trabalhadora. Se, por outro lado, a dificuldade de acesso aos bens de consumo coletivos, fazer com que suas preocupações estejam prioritariamente voltadas as soluções imediatas de suas necessidades, por outro, não é para se estranhar que poucas são as pessoas que após a sua jornada de trabalho diário, tenham disposição de se deslocar para sua residência na periferia da cidade e ainda retornar as regiões centrais, onde estão localizados a maioria das organizações sindicais, para participar de uma reunião da categoria.

---

como: O Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários ( IAPI ); Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários ( LAPB ).

<sup>9</sup> SOARES, op. cit. P.93

## **Surge o STIAU**

O período que antecedeu a formação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação de Uberlândia, parece também análogo ao de outras entidades de classe já formadas em contextos do país. A relação entre cidade e campo modificada pela êxodo rural e o incentivo pelo governo federal ao desenvolvimento de indústrias, foi uns dos motivos que levaram ao redimensionamento das forças de trabalho. O rápido desenvolvimento da cidade graças a política desenvolvimentista praticada pelo município, proporcionou contradições inerentes ao espaço social. Mas ao privilegiar o desenvolvimento através da industrialização, a classe dominante local foi incapaz de aliá-lo a melhoria das condições de vida dessa massa de trabalhadores que para cá se dirigiram em busca de melhores salários e melhores ofertas de emprego. Esse forte dinamismo econômico só foi possível porque se sustentou em cima da superexploração do trabalho. Mesmo diante dessas formas de dominação é possível perceber que os trabalhadores não se tornaram passivos, foram ao longo do tempo se organizando e se reorganizando, ora lutando por suas reivindicações mais específicas em prol de suas lutas particulares, ora resistindo em conjunto no interior de associações e sindicatos por meio de paralisações e greves em

defesa de sua classe. Essas lutas podem ser caracterizadas como uma forma de ocupação de seu espaço próprio de atuação no seio da sociedade, buscando assim definir o seu lugar e sua identidade.

É notório que nesse período de industrialização da cidade Uberlândia comparativamente com períodos anteriores, encontra-se um número bem maior de organizações associativas e sindicais, isto provavelmente porque a medida que se intensificava esse processo, novas relações iam sendo estabelecidas devido ao surgimento de novas relações de trabalho e da necessidade de resguardar os direitos das partes envolvidas no processo. Thompson observa que ao discutir a formação da classe operária inglesa *é possível notar que, "(...) As questões que provocaram maior intensidade de envolvimento foram muito freqüentemente aquelas em que alguns valores, tais como costumes tradicionais, justiça, independência, segurança ou economia familiar, estavam em risco..."* E acrescenta *"... a relação de exploração é mais que a soma de injustiças e antagonismos muitos. É uma relação que pode ser encontrada em diferentes contextos históricos sob formas distintas, que estão relacionadas a formas correspondentes de propriedade e poder estatal"*<sup>10</sup>.

Apesar da atuação das camadas dominantes locais que constantemente viviam interferindo nas organizações dos trabalhadores com intuito de torná-las assistencialistas e corporativistas, ao moldes da legislação vigente, muitas das

---

<sup>10</sup> THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Vol. 2, 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, pp.27 e 28.



conquistas reivindicadas pelos trabalhadores só foram possíveis, com a colaboração desses setores. Isso, a princípio só demonstra a dificuldade que os trabalhadores locais tinham de atuação autônoma, para assim criarem os seus próprios meios e para aprenderem a lidar com as organizações coletivas organizadas.

Entretanto, apesar de encontrarmos uma massa de trabalhadores em número maior atuando principalmente nas indústrias de alimentação, em relação a outras atividades, não coube, no entanto, a eles o papel de se organizarem para constituírem uma entidade que os representasse. Mesmo constituindo-se em maioria. A importância dos primeiros movimentos de trabalhadores reside na influência dada pelas classes dirigentes já nos princípios do século XX. Foram elas os responsáveis em parte pelas criações das primeiras Ligas Operárias aqui de Uberlândia, composta por uma mesclagem de trabalhadores, pequenos proprietários e políticos do município<sup>11</sup>.

Quando partimos do entendimento de como essas organizações foram ocupando espaços na sociedade, podemos verificar que não foi tarefa fácil por parte dos seus fundadores e as dificuldades de se organizarem era uma das grandes questões a serem enfrentadas, devido a falta de conhecimento e desinformação que atingia a maioria da classe trabalhadora. Em entrevista com

---

<sup>11</sup> RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Trabalho Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense - setor de serviços - 1924-1964. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1989 pp.107

uma das lideranças sindicais, pude perceber a dificuldade que eles tinham de articulação devido a origem destes trabalhadores. Na sua opinião coloca-se que:

*“ Os trabalhadores de Uberlândia são oriundos da zona rural, então o pessoal veio da cidade vizinhas aqui de Uberlândia sem nenhuma experiência fabril, as vezes vieram até de condições piores as do que viviam aqui, e tinha trabalhadores na zona rural que moravam aqui em favelas, a gente ia visitar, eles colocavam as vezes que, aqui na favela eram melhor que morar na fazenda como bóia-fria ou como assalariado rural...”<sup>12</sup>*

Os trabalhadores que tomaram a frente desse projeto foram aqueles que abdicaram de seus momentos de descanso, de lazer, da proximidade da família e dos amigos para dar vida a sua entidade de classe. Foram aqueles, na sua maioria, com curso primário incompleto ou que nunca chegaram a freqüentar uma escola, mas que aprenderam a ler e escrever por força da necessidade. Muitos documentos, principalmente as atas da entidade, demonstram através da lista de presença as dificuldades enfrentadas pela categoria de deixar gravado a sua presença através das caligrafias quase sempre desenhadas. O depoimento de Júlio Albino<sup>13</sup>, líder sindical nos finais dos anos 50, uns dos fundadores do Sindicato da Construção

<sup>12</sup> Conforme José de Souza Prado, entrevista concedida ao autor, setembro de 1997.

Civil e do mobiliário de Uberlândia e presidente do mesmo, é bastante elucidante, nesse sentido:

*“ \_ Nunca, nunca fui numa escola...sei ler e escrever...aprendi panhado jornal na rua e lendo. E aprendi matemática porque era preciso, porque dois vez dois são quatro...É, não sei fazer conta na maquininha, faço conta no lápis, faço conta na mente. Porque com um engenheiro que eu trabalho com eles ficam admirados de ver, né, de eu guardar tanta conta na cabeça assim.”*

Quando a Associação dos Trabalhadores na Alimentação deu início a suas atividades por volta de 1959, sob a direção de João Galvão (1959-1962), não tinha nem mesmo sede social e as reuniões eram realizadas no interior da sede do Círculo Operário onde também se encontravam alojados o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil e a Associação dos Metalúrgicos. Ao funcionar inicialmente como associação, e não como sindicato, procurando representar a categoria à margem do poder institucionalizado, essa forma de representação aparecia sem credibilidade tanto perante os trabalhadores quanto diante do Estado e do patronato em si. Por isso, as primeiras discussões tratadas diziam respeito à legalização da associação em sindicato, contando inclusive com

---

<sup>13</sup> Conforme depoimento de Júlio Albino em entrevista concedida à Maria de Fátima Ramos de Almeida em 1986.



a presença de outros sindicalistas e às vezes com a participação de membros da própria diretoria do CO.

Esses trabalhos iniciais, embora tomassem um tempo demasiado longo nas reuniões ocorridas nesse período, se apresentavam mais como uma forma de aprendizado do propriamente ações efetivas de caráter sindical<sup>14</sup>. Nestas ocasiões eram convidados representantes de outras entidades para oferecerem explicações a cerca do que seria uma instituição sindical, principalmente mostrando as vantagens que teriam se a associação se tornasse uma entidade formal de classe.

Essas idéias já haviam sido fomentas <sup>13</sup> a bastante tempo entre os trabalhadores uberlandenses, principalmente através da imprensa local. Com o Governo Vargas a sindicalização tornou-se a base da política conciliatória entre capital-trabalho, cabendo ao sindicato o papel de <sup>14</sup> único defensor dos direitos sociais dos trabalhadores. Por isso mesmo, a passagem de associação para sindicato alterava o cotidiano das ações dos trabalhadores na medida que as suas reivindicações só poderiam ser alcançadas dentro dos muros imposto pelo Ministério do Trabalho. Talvez isso possa justificar a ação de algumas Associações Sindicais da cidade como é o caso da Construção Civil, que procurou se legalizar, mesmo não tendo os requisitos básicos exigidos pelo Ministério para tornar-se Sindicato, como mesas, cadeiras, máquina de escrever, escrivaninhas e livros de registro. Para adquirir estes determinados bens, foram

---

<sup>14</sup> Atas das reuniões de diretores 21/08/59; 28/08/59; 04/09/59; 11/09/59; 16/09/59; 18/09/59; 25/09/59; 02/10/59...

necessárias contribuições voluntárias dos colegas de trabalho e somente assim foi possível fazer junto ao Ministério o pedido para a constituição da entidade.

A participação do CO na formação destas entidades podia ser notada na promoção de cursos e palestras para as lideranças sindicais, nos eventos festivos principalmente aqueles esportivos e artísticos dirigidos aos trabalhadores e na formação da consciência dos direitos dos operários, se bem que nesse aspecto a opção era por um convívio pacífico com a classe patronal<sup>15</sup>.

Embora a participação do CO <sup>teve</sup> grande contribuição para a organização das classes trabalhadoras, ela também representava em parte os interesses do poder local e como tal, também tinha o interesse de qualificar essa mão-de-obra para o bom desenvolvimento das atividades industriais, bem como de mantê-las sobre o controle disciplinar, sendo importante para isso alojá-los em locais apropriados. As palestras realizadas no seu interior, dirigidas aos trabalhadores vinculados às associações, e que diziam respeito às vantagens sindicais que os trabalhadores teriam direito, passam então a ter um caráter de controle e disciplinação.

As reivindicações que estas entidades procuravam buscar iam de encontro com as precárias condições de vida dos trabalhadores, impostas pela contradição existente no interior da sociedade. Aliás, essas desigualdades sociais e o alto custo de vida foram fatores determinantes para uma revolta popular que teve

<sup>15</sup> ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos. Uberlândia Operária? Uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia – 1950 a 1964. Dissertação de Mestrado, Campinas, Unicamp, 1992, p.116

lugar em Uberlândia no início dos anos 60<sup>16</sup> e que culminou com saques nos principais pontos comerciais da cidade. Entre 1950 e 1963, em Uberlândia vários encontros foram realizados, que figuraram como principais pontos de discussão o cumprimento da Legislação Trabalhista, o direito de greve, o direito a assistência médica, melhoramento das casa populares e cumprimento do pagamento do salário mínimo.<sup>17</sup>

Somente em 1961 o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Uberlândia, conseguiu o seu registro com autorização para funcionamento. Entre 1961 e 1970 ficou uma penumbra de incertezas a respeito da sua real atuação pois os escassos e imprecisos registros existentes dificultam uma análise mais precisa sobre o desempenho dessa entidade no seio social.

Quando, portanto, a associação transformou-se em sindicato, em 1961, passando a gozar do prestígio que lhe foi outorgada pela legislação, suas atividades ainda continuaram praticamente sendo as mesmas já discutidas anteriormente. Continuou defendendo a assistência médica para os trabalhadores porém, a falta de verbas forçou a entidade por várias vezes a transferir o pagamento das requisições médicas aos seus associados. Além do mais, isso não representava nenhuma novidade já que a assistência médica era mais um produto acabado da legislação sindical. As bolsas da PEBE (Programa Especial de Bolsa

---

<sup>16</sup> Este período ficou conhecido como Quebra-Quebra de 1959.

<sup>17</sup> RODRIGUES, Jane de Fátima Silva . Trabalho Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924-1964. Dissertação de Mestrado. São Paulo ,USP, 1989, pp.201 e 202.



de Estudos) eram formas criadas visando arregimentar um número maior de associados nas assembleias, pois a não participação ou mesmo a falta sem justificativa, poderia acarretar a perda desse benefício pelo bolsista.

Nessas primeiras décadas de funcionamento do sindicato poucas foram as reuniões que ultrapassaram o número de 20 associados. Constantemente se via queixas da diretoria em relação a falta de assiduidade tanto dos associados como dos próprios membros da direção. Acreditamos que esta falta de assiduidade possa ser reflexo das formas como eram conduzidas as reuniões sindicais. O pouco revezamento na direção do sindicato não permitia uma maior integração entre os seus membros, e nem possibilitava o surgimento de novas lideranças. As reuniões eram conduzidas de forma hierárquica e verticalizada. Esse reflexo, poderia também ser fruto do próprio sentido contido no interior do sindicato corporativo. *“entendido como uma forma de organização das classes sociais, ou das forças produtoras, através de uma ação reguladora do Estado que busca integrar os grupos profissionais representativos do capital e do trabalho em organizações verticais e não-conflitivas”*.<sup>18</sup> Ou ainda, o sentido que o sindicato teria para a categoria. A existência do caráter voluntário de filiação deixava transparecer a própria fragilidade da instituição, na medida em que ficava a grande maioria dos trabalhadores fora dos seus quadros. Esse quadro agravava-se ainda mais pelo fato de que os aumentos salariais e outras vantagens conseguidas pelos sindicatos eram automaticamente estendidos a todos os

trabalhadores da categoria, sindicalizados ou não, desestimulando a adesão daqueles mais acomodados. Além do mais, tem as desvantagens financeiras trazidas pelo caráter voluntário da sindicalização, uma vez que a legislação instituiu o imposto – contribuição sindical – de natureza compulsória, beneficiando na prática, apenas as minorias que freqüentavam o sindicato e que se utilizam dos seus serviços assistenciais. Com essa estrutura semelhante a uma camisa de força, cria-se em torno do sindicato uma série atividades empregatícias. Surge portanto o emprego do “dirigente sindical” que se estende a centenas de sindicatos criados e legalizados, poder público. Mas adiante, esses sindicatos oficiais deram empregos ainda a vastidão de advogados, médicos, dentistas, contadores, etc. Ele deixou de ser um organismo da massa para se tornar um organismo para as massas com a sua institucionalização.

Em 1943, toda essa vasta legislação relacionada à organização sindical, a previdência social, à proteção ao trabalhador e a justiça do trabalho foi reunida na CLT e decretada em 1º de maio, entrando em vigor no dia 10 de novembro, em comemoração ao golpe que instituiu o Estado Novo. Esse modelo sindical continuou enraizado durante mais de 50 anos, não somente sobrevivendo às mudanças de caráter institucional ou político relacionadas as formas de governo, mas também conseguindo suportar transformações sociais, econômicas e culturais relativamente profundas. Entre esse período de sua publicação até hoje,

---

<sup>18</sup> RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos e Sindicatos. São Paulo, ática, 1990 p..54

a industrialização prosseguiu em ritmo acelerado, alterando quantitativa e qualitativamente o peso dos trabalhadores industriais, a população rural decresceu, surgiu o problema urbano, mas o modelo corporativo de organização sindical e de relações de trabalho permaneceu quase inalterado. Portanto, qualquer que seja a força que a sustente, não deixa de ter raízes profundas em nossa vida política e social.<sup>19</sup>

Não é difícil perceber as influências sofridas pelas entidade sindical em relação à legislação vigente. Desde a Constituição de 1937 as premissas estabelecidas para o sindicalismo indicavam que somente a entidade regularmente reconhecida pelo Estado teria o direito de representação legal dos que participavam da respectiva categoria de produção.

Em Uberlândia, a visível interferência da Delegacia Regional do Trabalho - sob essa legislação e sobre o período pós-64 - se fazia notar através das festividades de caráter nacionalista, principalmente àquelas vinculadas a "Semana da Pátria" estimulando os sindicatos na sua promoção. No caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Uberlândia, era comum confeccionar faixas alusivas, promover palestras e participar de desfiles. Cabia aos bolsistas da PEBE, individualmente, executarem trabalhos alusivos a data, promovidos em forma de concursos e orientados por professores. Em 1969,

---

<sup>19</sup> Idem pp.46 a 72



em uma dessas palestras, o convidado foi José Pereira Pires, diretor do Ginásio Comercial Senac, assunto ficou assim registrado em ata:

*“ O ilustre orador falou inicialmente do empenho do governo em dar às festividades da Semana da Pátria maior realce, conclamando às escolas, colégios, sindicatos de classe, que envidassem os melhores esforços para maior brilhantismo das solenidades. Realçou a índole do povo brasileiro, pacífico e amante da paz, mas destemido no tocante a salvaguarda de sua liberdade. A história de nossa emancipação teve origem na chamada Inconfidência Mineira, quando abnegados patriotas tendo à frente o alferes Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes – revoltaram-se contra a coroa de Portugal. (...) A inconfidência foi portanto o berço de nossa emancipação política que eclodiu no dia 7 de setembro de 1822. Dom Pedro I, cansado de receber afrontas do governo português, auxiliado e aconselhado por José Bonifácio de Andrade e Silva e outros patriotas, em ato contínuo, arrancando a espada declarou a Independência do Brasil, (...).<sup>20</sup>*

---

<sup>20</sup> Ata da assembléia de 06/09/69, em comemoração ao dia 7 de setembro na sede do sindicato.

Com isso, ficou claras quais eram as orientações dada pelo Ministério do Trabalho objetivando transmitir um caráter patriótico aos sindicatos, procurando tornar os trabalhadores “*pacíficos e amantes da paz*”. Nessa discussão é possível ainda retratar que a interpretação de história dada pelo palestrante nada mais é do que mera reprodução dos livros didáticos fornecidos pelo governo no período da ditadura, não tecendo nenhum comentário a respeito do processo que levou a independência, descartando a participação das classes menos privilegiadas. Esse tipo de explicação parte somente das ações individuais de homens ilustres e de suas ações patrióticas, que forjados como heróis, dão textura nacionalista, veiculando uma visão de mundo que só atende às classes dominantes.

### **As Limitações de um Sindicalismo Oficial**

Durante a presidência de João da Cruz Filho (1964-1971), as formas de atuação sindical se resumiam ao oferecimento de assistência médica e dentária; na concessão de bolsas de estudo através do programa do (PEBE); na assistência jurídica; na participações em congressos e eventos realizados pelo Círculo Operário e na participação em desfiles realizadas na Semana da Pátria. Nesse último caso, frequentemente eram convocadas reuniões de regime extraordinário

para tratarem de questões relativas as organizações do desfile da Semana da Pátria, onde eram convocados os bolsistas para executarem trabalhos alusivos ao evento, sob a supervisão de professores da rede pública.<sup>21</sup> Foi também nessa gestão que o sindicato, através de empréstimo conseguido junto a uma instituição financeira americana<sup>22</sup>, conseguiu a aquisição de sua sede.

A denominação de Edifício Presidente Médice, atribuída a sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de alimentação de Uberlândia é tão sugestiva quanto reveladora. Construída com capital norte-americano, dentro de uma orientação assistencialista, bem aos moldes da legislação e da orientação governamental, a sede fruto de capital estrangeiro mal poderia se imaginar que um dia esse também seria um local de luta e de resistência por parte da classe trabalhadora, em defesa dos seus direitos e contra a forte presença do Estado no interior dos sindicatos brasileiros.

A homenagem prestada pelos trabalhadores a um personagem típico da ditadura militar pode suscitar várias leituras. Mas, acima de tudo, isso caracteriza também a força extrema que a ditadura militar exerceu sobre a classe trabalhadora e a repressão existente nos locais onde ela se organizou para defesa de seus direitos.

Médici assumiu a presidência da República em outubro de 1969, constituindo um governo que seria marcado pela repressão e pela censura. No seu

---

<sup>21</sup> Conforme ata das assembleias de 30/08/69; 06/07/69; 22/08/70

<sup>22</sup> Conforme ata de reuniões de diretores de 11/10/69



governo estabeleceu-se o período mais absoluto de repressão, violência e supressão das liberdades civis de nossa história. Desenvolve-se um aparato de órgãos de segurança, com característica de poder autônomo, que levou aos cárceres políticos, milhares de cidadãos, transformando a tortura e o assassinato numa rotina. A repressão foi usada visando impedir qualquer manifestação de descontentamento ou rebeldia, bem como para amedrontar e afastar os trabalhadores da luta pela liberdade e outros direitos. Segundo Skidmore: *“Os que viviam no campo não tinham coragem de se organizar por causa do rigoroso controle exercido conjuntamente pelo governo e os grandes proprietários de terras. Os da cidade nada podiam fazer por se acharem acuados pela repressão governamental”*.<sup>23</sup> O nome da sede da entidade, provavelmente é fruto da grande propaganda que marcava esse período. O Brasil era contagiado pelo clima de grande ufanismo insuflado pela propaganda oficial, pelo “milagre econômico” e pela campanha do Brasil na copa de 70. Esses fatores geraram um clima de pretensa estabilidade e satisfação que foi amplamente manipulada pelo governo militar.

Em 1970, o Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação e o Sindicato dos Trabalhadores na Construção e do Mobiliário, ambos de Uberlândia, receberam a quantia de NCr\$12.000,00 e NCr\$10.000,00 respectivamente,

---

<sup>23</sup> SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo, 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p.216

proveniente do Instituto Americano para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (IADESIL).<sup>24</sup>

Segundo José Sousa Prado, que posteriormente exerceu o cargo de presidente do STIAU, esses financiamentos eram comuns no Brasil e partiam de instituições americanas que apoiavam a ditadura militar, objetivando o controle dos movimentos sociais, principalmente os sindicais. Segundo o sindicalista esses financiamentos era uma forma de “calar a boca do pessoal”<sup>25</sup>

O fato relevante a ser observado, é a presença de capital estrangeiro financiando instituições dos trabalhadores, inclusive em cidades interioranas como Uberlândia, com intuito apenas de trocar experiências. O referido Instituto foi fundado em outubro de 1961 e era responsável pela formação de milhares de dirigentes sindicais pró-americanos, pela divisão do sindicalismo em vários países e por incontáveis ações conspiratórias contra governos democráticos. Possuía várias ramificações incluindo o Instituto Cultural do Trabalho (ICT), organizado por Serafino Romualdi, ex-assessor do banqueiro Nelson Rockefeller e conhecido como o mais atuante agente da CIA no sindicalismo latino-americano. Romualdi também era o agente responsável pela Organização Regional Interamericana do Trabalho (ORIT) e seu representante na América

---

<sup>24</sup> Ata da assembléia do sindicato, 11/10/69 e 14/02/70

<sup>25</sup> Conforme entrevista com José de S. Prado, Uberlândia, setembro 1997

Latina, um controle exercido pela Agência Central de Informação (CIA) no plano regional, e com sede na cidade do México<sup>26</sup>.

O financiamento concedido ao Sindicato dos Trabalhadores na Alimentação de Uberlândia, fazia parte do programa "Sindicatos & Sindicatos", cujo objetivo era trocar conhecimentos entre sindicatos do Brasil e dos Estados Unidos num projeto de intercâmbio. Os empréstimos tinham um prazo de cinco anos para serem pagos, mas poderia ser prorrogável dependendo da possibilidade financeira de cada sindicato. Também não se cobrava juros e nem correção monetária em seus empréstimos. Segundo afirmação do próprio diretor do Instituto Americano para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre, Américo Ramos, isso é "uma ajuda que damos às entidades sindicais brasileiras"<sup>27</sup>

Essa mesma forma de ação, adotada em vários países da América Latina, objetivava sobretudo evitar o avanço do comunismo. No Brasil, particularmente, é possível observar suas atuações no pleito eleitoral de 1962 e no golpe militar de 1964. Em 1962, na campanha eleitoral, dispendem-se entre US\$12 milhões a US\$20 milhões com o financiamento de candidatos anticomunistas, na tentativa de produzir o caos sociopolítico. Para isto foram usados os canais de fachada como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e a Ação Democrática Popular (ADEP), por onde o dinheiro era depositado e depois distribuído. Esses

---

<sup>26</sup> AGEE, Philip. Dentro da Companhia - Diário da Cia. São Paulo, Círculo do Livro, 1976, p.73 e p.325

<sup>27</sup> IADESIL trouxe verbas para ajudar sindicatos. Conforme Jornal Correio de Uberlândia, 06/02/70 n° 10.997



fundos provenientes de fontes estrangeiras foram utilizados em oito Estados, em suas eleições governamentais, financiando vinte e cinco candidatos ao Senado, duzentos e cinqüenta deputados à Câmara Federal e seiscentos estaduais.<sup>28</sup>

Por outro lado, o Instituto Cultural do Trabalho tinha como objetivos principais *“desestabilizar o movimento sindical; sabotar as greves e as lutas camponesas no Nordeste; coletar informações sobre o sindicalismo brasileiro; bombardear a luta pelo controle da remessa de lucros para os Estados Unidos e contra o imperialismo ianque; formar um núcleo de dirigentes sindicais de direita; preparar o clima para o golpe de militar de 1964. Em cerca de um ano, o ICT treinou aproximadamente 12 mil sindicalistas - alguns destes inclusive fizeram cursos especiais de três meses no From Royal Institute, na Virgínea, E.U.A.”*<sup>29</sup>

A possível ligação para estas relações, estaria na história da presença de lideranças comunistas na região, como aquela declarada pelo Almirante Pena Boto:

*“no estado de Minas Gerais há cerca de 18.000 guerrilheiros, armados, concentrados na sua maior parte no Triângulo Mineiro, para fins de penetração comunista, resulta da*

<sup>28</sup> A Cia fez o golpe de 64 - revista 'IstoÉ' - 10/09/97 n° 1458

<sup>29</sup> BORGES, Altamiro. *As ligações perigosas de Magri*. IN. COSTA, Sílvio. *Tendências e centrais sindicais*, Goiânia, Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1995 p.80

*importância estratégica daquela área, pelo fato de representar uma espécie de cunha entre os três estados a saber: Goiás, Mato Grosso e São Paulo...Uberlândia e Anápolis são dois ativos centros de tráfico clandestino de armas”<sup>30</sup>*

Outro anúncio aponta a preocupação das autoridades com relação a presença de focos guerrilheiros na região do Triângulo Mineiro.

*“A notícia é completado pela afirmativa de que as autoridades do Estado de Minas, tomando conhecimento do fato, já cuidaram de remeter para aqui, principalmente para Uberlândia (apontada como centro do movimento) vasto aparato bélico-policiaI visando a ‘massacrar os perigosos guerrilheiros comunistas’.” e completa “Ao que se pode perceber, Estamos frente a uma notícia sumamente grave e que lança a cidade ordeira e pacífica de Uberlândia líder da região triangulina, em péssima situação, já que é apontada como Moscou mirim ou uma sucursal de Havana”<sup>31</sup>*

<sup>30</sup> Conforme jornal ‘O Repórter’, 05/01/53. IN Rodrigues, J.F.S. Trabalho, Ordem e Progresso: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense - o setor de serviços - 1924 - 1964. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1989, P.142

<sup>31</sup> Triângulo: foco de guerrilha comunistas - Jornal Correio de Uberlândia, 19/08/62, no 9.389, p.10

Josué Francisco Reges veio para Uberlândia no ano de 1964. Seu primeiro emprego foi numa empreiteira contratada pela prefeitura para instalação de rede de esgoto na cidade, trabalhou também como chapa e depois em máquinas de arroz durante cinco anos. Nessa última, que era ligada às atividades da Alimentação, ingressou no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Uberlândia em 1968.

Em outubro de 1970, Josué Francisco Reges, cria uma chapa de oposição para disputar as eleições do ano seguinte. A chapa ainda era composta por João Marra dos Reis, Geraldo Rosa Pena, José Lemos e Paulino Dantas. Segundo depoimento de Josué Francisco Reges, os motivos que o levaram a encabeçar uma chapa de oposição era o seguinte:

*"(...) na época o presidente era João da Cruz, ele começou a fazer alguma coisa que a gente não gostava...ele fazia muita coisa assim patronal, né, ele era um cara meio patronal."*<sup>32</sup>

No entanto, nos anos que seguiram a diretoria posterior do Sr. Josué Francisco Reges (1971-1986), não foram bem diferentes das praticadas em gestões anteriores. Embora, no plano discursivo a nova diretoria colocasse a necessidade de um sindicato mais combativo e menos patronal, na prática, essa mudança é imperceptível. Cabe alertar, porém que além da legislação que mantinha os sindicatos atrelados ao Ministério do Trabalho, a forte pressão

---

<sup>32</sup> Conforme Josué Francisco Regis, entrevista concedida ao autor, agosto 1997.



praticada pelo Estado e pelos empresários, desestimulava qualquer tipo de inovação. Josué Reges afirma que:

*A luta sindical naquela época era meio difícil, porque naquele tempo, tudo o que ocê fazia tinha que dá conta, dá...satisfação no Ministério do Trabalho, né.(...) Naquele tempo, os patrão, é, eles não consideravam o sindicato, né...o sindicato era um sindicato...o patrão era igual uma onça, um bicho qualquer, então era difícil....o problema mais difícil era isso né.<sup>33</sup>*

O forte controle exercido pelo Estado e pelos empresários, além das dificuldades impostas ao/s sindicato em termos de organização, também aponta para outras principalmente no que concerne ao temor dos trabalhador em se sindicalizarem como lembra o ex-diretor do STIAU, “aquela resistência continua...acho que tem até hoje...acho que até hoje o trabalhador tem medo de ser sócio, uns porque tem medo de ser mandado embora, outros tem medo porque não gosta ou porque o sindicato não dá nada...”<sup>34</sup>

Para complicar ainda mais o quadro, as empresas ligadas à Indústria da Alimentação crivavam outras formas de dificultar as atividades dos sindicatos,

---

<sup>33</sup> idem.

<sup>34</sup> Ibidem.

como não descontar dos seus funcionários as taxas mensais de contribuições dos associados a instituição.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas nesse período, o sindicato buscou o atendimento de algumas reivindicações como moradia para os trabalhadores e redução da jornada de trabalho. Entretanto, o clima de terror que reinava na época foi um dos grandes obstáculos para os trabalhadores alcançarem os seus objetivos. Como lembra Josué:

*(...) começou a Souza Cruz, né... que trabalhava todos os dias da semana e nós fizemos um pouco, uma luta pra trabalhar só cinco dias por semana, que nas outras fábricas do Brasil tudo era assim, ninguém trabalhava sábado, só Uberlândia. E um dia surgiu uma idéia lá, surgiu uma nota ... soltou uma nota que nós ia fazer greve se não conseguisse o negócio. E eu fui ameaçado pelo general do militar aqui, o general do exército chegou perto de mim, naquele tempo eu conhecia ele, ele me conhecia...ele pegou e falou: Olha você não pode fazer greve, não deve, tá tudo bem tá mas não falou nada, mas, pelo que ele tava falando e não podia mexer ali. E*

*ministério do Trabalho cansou de falar pra mim: Oh, se ocê fizer isso eu mando ocê embora do sindicato, problema é seu...*<sup>35</sup>

Uma das principais palavras de ordem dos trabalhadores nesse período relacionava-se à questão salarial. Vários depoimentos atestam que as paralisações ocorridas tinham como intuito melhorar a situação financeira dos trabalhadores.

Cabe reconhecer que em termos de orientação política, as práticas adotadas pela direção do sindicato eram marcadas por um certo afastamento dos dirigentes em relação aos associados. Em diversas ocasiões, críticas eram feitas sobre a ausência de um trabalho de conscientização do associado sobre a finalidade e objetivos do sindicato. Numa delas, o associado Antônio Carlos de Oliveira, expõe esse problema, alertando sobre a necessidade de que para tirar má impressão do sindicato a diretoria não poderia estar limitada a buscar status para os seus membros, mas para orientar o seu trabalho em busca de concretizações e realizações para o conjunto da categoria. Conclui propondo até mesmo a exclusão dos diretores caso essas finalidades da diretoria não fossem cumpridas.<sup>36</sup>

É importante ressaltar que em algumas ações empreendidas pelo sindicato nessa gestão, principalmente no que diz respeito às campanhas salariais e aos

<sup>35</sup> Ibidem.

<sup>36</sup> Conforme ata da assembleia de 26/02/1980



dissídios coletivos, houve uma maior participação dos associados nas assembléias realizadas pela entidade. Embora algumas dessas assembléias fossem realizadas separadamente, como foi o caso da empresa Souza Cruz, as propostas básicas, juntamente com suas reivindicações, coincidiam em vários aspectos. O fato de realizarem em separado é justificado pelo presidente do sindicato como sendo de ordem econômica.

As principais reivindicações discutidas e aprovadas nas assembléias iam desde reajuste salarial até distribuição de cigarros para os funcionários. Tratamos aqui de mencionar as que, durante um longo período de acordos e desacordos entre trabalhadores e empresas, se fizeram mais debatidas.

A primeira delas era sempre a que se referia ao aumento e reposição salarial superior ao INPC (Índice Nacional de Preço ao Consumidor, fornecido pelo órgão do governo), como forma de compensar a perda do poder aquisitivo. Pois as empresas só consentiam o ajuste de acordo com aquele índice.

No período analisado, pudemos constatar que várias das reivindicações da categoria continuaram sendo reiteradamente entregues e debatidas no período compreendido entre 1979 a 1985, já que muitas das empresas não colocavam em prática o acordo firmado com o sindicato da categoria. Entre as reivindicações que tiveram nesse período um aparecimento maior nas assembléias dos trabalhadores e que foram discutidas incessantemente, ano após ano, com os empregadores, é possível destacar: reajuste salarial igual e superior ao índice do

governo: estabilidade à gestante de 90 a 120 dias após a cessação de benefícios previdenciários; validade de atestado médico e dentário que tenha convênio com o INAMPS ou do sindicato; piso salarial de um salário e meio; reconhecimento dos delegados de fábricas com estabilidade durante os mandatos; fornecimento ao empregado dispensado por justa causa de documento ao qual conste expressamente o motivo da dispensa; abono de faltas dos estudantes de qualquer curso por ocasião de provas escolares; ao empregado em função de substituição pagamento de salário idêntico ao do substituído; fornecimento de transporte gratuito para os funcionários; fornecimento aos empregados de uniformes e equipamentos de proteção e segurança individual gratuito aos funcionários, quando exigidos pela empresa; fornecimento de envelopes de pagamento timbrado da empresa com as parcelas discriminadas de pagamento e descontos do empregado; melhoria no atendimento médico relativo aos convênios, especialmente o odontológico e extensão da assistência aos dependentes; fornecimento aos funcionários de ferramentas de trabalho gratuito ( esta reivindicação diz respeito as empresas frigoríficas que deveriam fornecer facas e pedras de amolar ); instalação de cantinas e refeitórios com preços acessíveis os funcionários; estabilidade de 90 a 120 dias para o acidentado ou afastado pela previdência; estabilidade de 6 meses a partir da celebração do acordo, para os



trabalhadores da categoria e licença remunerada de 30 dias corridos para os empregados que completarem dez anos de serviço;<sup>37</sup>

Outras reivindicações referiam-se mais as necessidades básicas cotidianas, como é o caso do fornecimento de uma cota de carne e derivados pelos frigoríficos, a preço de custo para seus funcionários; fornecimento de um litro de leite/dia para cada funcionário de empresa de laticínio, que contenham mais de 50 empregados e distribuição de cigarros a todos os funcionários que trabalham na Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Evidentemente que aos incorporarem na pauta de reivindicações produtos de primeira necessidade, como carne e leite, tentavam dessa forma amenizar a difícil batalha contra a carestia desses gêneros.

A insistência dos trabalhadores em reafirmarem constantemente essas reivindicações está ligada à necessidade desses trabalhadores em reafirmarem que isto era um direito do trabalhador e como tal deveria ser conquistado, não importando quanto tempo isto levaria para ser alcançado.

Nas assembléias várias críticas eram deferidas sobre a atuação da diretoria do sindicato, cobrando uma ação mais eficaz dos seus membros. Em uma dessas oportunidades, o associado Gilmar Dominici, expondo sobre a maneira como eram repassados as notícias das realizações de assembléias, lembrou que o edital

---

<sup>37</sup> Conforme atas das assembléias de 21/01/79; 26/07/80; 19/07/81; 19/09/81; 10/09/82; 18/07/82; 19/06/83; 31/07/83; 15/10/83; 08/07/84.



de convocação enviado para a Companhia de Cigarros Souza Cruz estava ilegível e que desde que trabalhava naquela empresa jamais um membro do sindicato distribuiu panfletos convocando a classe no portão da fábrica.<sup>38</sup> No mesmo período, outro associado se colocara contrário à atitude da diretoria em não colocar como reivindicação os adicionais noturnos na carteira profissional, de funcionários que trabalham no terceiro turno, prejudicando assim os trabalhadores de conquistarem seus direitos legais.

Evidentemente estes conflitos contribuíram para o surgimento de outras leituras, trazendo à tona uma nova atuação política para o sindicato. Esses conflitos tornaram-se ainda mais agudos no final do mandato da gestão do Josué, quando uma nova eleição seria realizado no sindicato em janeiro de 83. O longo período de doze anos em que jamais houve uma iniciativa para se disputar o pleito junto com <sup>o</sup>da situação, agora chega ao fim. As diferentes críticas sobre a atuação do sindicato contribuíram para a constituição de chapa de oposição que disputaria as eleições do próximo pleito.

Num balanço geral sobre sua atuação, é bom salientar, que a gestão do Sr. Josué teve avanços e retrocessos; avançou na tentativa de aproximar a categoria por intermédio de métodos assistenciais, encontrando na época da repressão, grande apoio do governo, que incentivava os sindicatos a atuarem nessa

---

<sup>38</sup> Ata da assembléia 18/06/82

10 pale-  
sua  
e covar  
?

perspectiva, como se isso fosse sua verdadeira finalidade. Retrocedeu por não conseguir mostrar através de uma ação mais eficiente, que o sindicato teria um objetivo maior, transformar sua categoria numa classe forte e consciente de seus direitos, com força suficiente para dialogar num mesmo plano com as classes patronais.





Primeiro Congresso dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação de Uberlândia, realizado entre os dias 27 e 28 de junho de 1987 – no Oásis.





Passeata no centro da cidade de Uberlândia –MG, da greve no Consórcio Brasil Central de Carnes no ano de 1988





Greve na fábrica de balas Imperial em Uberlândia – MG, em 1989



Greve no Consórcio Brasil Central de Carnes – em frente a empresa – no ano de 1988



## CAPÍTULO 2

### A OPOSIÇÃO E UMA NOVA PROPOSTA SINDICAL

#### Uma Disputa Acirrada

A década de 80 foi um período que marcou consideravelmente a forma de <sup>de</sup> no interior do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Uberlândia. Foi um período que marcou a evolução política do país, pois foi nesse contexto que se rearticulou, emergiu e desenvolveu a intervenção dos trabalhadores no cenário político nacional. Essa participação no campo político permitiu que os trabalhadores se posicionassem frente a exploração e a miséria, retomando a luta contra a política econômica e o arrocho salarial, caracterizando uma luta una e aberta contra o regime militar que insistia em permanecer no comando do país.

Novas ações propostas para atuação do STIAU iam além de uma melhoria nas condições de bem estar do associado e do trabalhador, as idéias inseridas no interior da entidade começavam a ultrapassar seus muros e atingir de frente os trabalhadores pela conscientização dos seus direitos sociais, políticos e econômicos. As críticas brotavam constantemente contra a antiga diretoria do sindicato que já se encontrava na direção da entidade há 12 anos, pois, sem encontrar obstáculos nas eleições renovava-se a si mesma a cada

ano. A chapa de oposição lançada em meados de 1982 era encabeçada por José de Souza Prado, que vinha de uma militância no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Fernadópolis, no interior do Estado de São Paulo. Essa experiência sindical anterior possibilitou-lhe se inserir no Sindicato da Alimentação logo após seu ingresso na Agropecuária Brasil Central, em Uberlândia.

Perguntando sobre as razões que o levaram a entrar numa chapa de oposição ele colocou que:

*“Olha, é o desejo de mudança né... nós éramos um grupo bom de trabalhadores e estávamos dispostos a implantar alguma mudança no sindicato...principalmente no aspecto da democracia das decisões, convocações de assembleias...é... formar melhor e informar os operadores da fábrica...bom foram esses aspectos assim...e tornar o trabalhador mais associativo, mais participativo, além de conquistas econômicas, melhoria de salários, de condições de vida, condições de trabalho...”<sup>39</sup>*

---

<sup>39</sup> Conforme José de Sousa Prado, em entrevista concedida ao autor, setembro de 1997

Cabe lembrar que o surgimento dessa nova vertente política no Sindicato da Alimentação de Uberlândia corresponde a um período de nossa história de grandes transformações sociais, políticas e econômicas, coincidindo principalmente com as lutas desencadeadas pelos trabalhadores do ABC Paulista. Além do mais, essas novas lideranças sindicais começaram a participar de diversos encontros realizados em Minas Gerais, Goiânia, Espírito Santo e São Paulo.

Esses encontros tinham a finalidade de discutir os rumos que o sindicalismo no Brasil deveria assumir. No encontro de João Molevade - MG, em fevereiro de 1980, reuniram-se não somente dirigentes sindicais mas também diferentes segmentos vinculados aos movimentos populares, inclusive da igreja, como as pastorais operárias, movimentos populares, comunidades de base e também as oposições sindicais. *“Nesses encontros tinha algo de muito interessante que todas as linhas de pensamento sindicais estavam reunidas, como uma mente de unidade sindical”*<sup>40</sup>. Nesse encontro é aprovado o Documento de Molevade, no qual *“define seus princípios básicos orientadores da luta pela democratização da estrutura sindical, pela conquista da liberdade e pela autonomia sindicais, o fim da legislação restritiva ao direito de greve, a negociação direta entre empregados e empregadores, sem intermediação do Estado”*<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> idem

<sup>41</sup> COSTA, Sílvio - Tendências e centrais sindicais, o movimento sindical brasileiro de 1978 a 1994, Goiânia, Ed. Universidade Católica de Goiás, 1995 . p.44



Aqui já se constata uma profunda diferença com a gestão anterior do Sindicato da Alimentação, sob a presidência de Josué para quem não eram permitidas as atividades políticas no interior do sindicato, acreditando que o movimento sindical estaria fugindo do rumo dos trabalhadores:

*“ Eu acho que o movimento sindical hoje tá fugindo muito do...do... rumo do trabalhador, tá mais partindo mais pro ramo político, né. Quer dizer, a gente que tá aí...trabalhador tá envolvido com sem terra, aquela coisa toda né, com policia, né, com o governo, com o Lula, essas coisa. Então eu acho que estão mudando. Cê vê que hoje o sindicalismo não tem mais uma assistência como existia antigamente”.*<sup>42</sup>

Traduzindo na prática, o que esse dirigente sindical quer destacar é que na sua gestão ele procurou intensificar as condições de assistência ao associado como convênios médicos e dentários, estendendo esses benefícios para os dependentes das famílias dos funcionários conveniados. Além disso, ele conseguiu, através da prefeitura, a doação de uma área de 1.500 metros quadrados com a proposta de construir o Clube dos Trabalhadores. O projeto previa a construção de uma sede campestre com área de lazer, piscina, quadra

---

<sup>42</sup> conforme Josué Francisco Reges, em entrevista concedida pelo autor, agosto 1997

de futebol de salão e bar, visando com finalidade, proporcionar ao trabalhador um local de descanso e lazer.

Nas eleições em 1983, as propostas da chapa da situação composta pelos antigos dirigentes, destacam entre os seus objetivos os projetos que já estavam sendo discutidos no interior do sindicato como: criação de uma cooperativa de consumo para os associados, extensão da assistência médica e dentária prestada ao associado e a construção de um clube de lazer. Sua campanha foi feita *“através de visitas às empresas e do contato direto com os associados”*<sup>43</sup>

Essa luta travada no interior do Sindicato da Alimentação, passou despercebida por muitos outros trabalhadores da entidade que ainda não estavam acompanhando as mudanças ocorridas no contexto nacional. Poucos foram aqueles que puderam verificar as transformações e assim se posicionar frente a elas. Para muitos os anos 80 foram mera continuação do período anterior.

Ocorreu que esse período ficou caracterizado para o movimento sindical pelo *“confronto aberto e permanente com o Estado e o patronato; retomada das mobilizações e das manifestações massivas; generalizações das ações grevistas; expansão significativa das greves, que atingiram diversas regiões do país e categorias como dos professores, médicos, funcionários*

<sup>43</sup> Situação e oposição lutam pelo sindicato da alimentação – conforme Jornal Primeira Hora - 14/01/83 n° 387

*públicos, bancários etc*<sup>44</sup>. Mais do que tudo possibilitou avanços significativos e vitórias que se estenderam por todo o país, permitindo uma reavaliação das idéias e ideologias postas que marcaram a disputa pela hegemonia das organizações dos trabalhadores através do surgimento das centrais sindicais.

No que diz respeito a atuação do STIAU, a própria ampliação da arena (pois antes as campanhas eram realizadas dentro do próprio sindicato e com uma única chapa ) ganhou espaço público, através de divulgação pelos jornais, promoções de festas com calorosos discursos, dando um ar de intensa movimentação e disputa.

A existência de uma chapa de oposição, concorrendo ao pleito de 83, não trouxe de imediato uma adesão total dos trabalhadores, necessário para confirmação da sua vitória significativa logo no primeiro pleito. A divisão me pareceu acirrada entre aqueles que queriam continuar com um sindicato preso as estruturas corporativistas de um lado, e dos que aspiravam *capotais* “*desejos de mudança*<sup>45</sup>”, de um sindicato mais “*democrático nas suas decisões*<sup>46</sup>”.

O medo de se defrontar com um sindicato preso as estruturas do Estado repressor no período militar, fez com que a própria formação da chapa de oposição se desse de “*maneira até sigilosa*<sup>47</sup>”, reunindo pequenos grupos

<sup>44</sup> COSTA, Silvio. Tendências e centrais sindicais, o movimento sindical brasileiro de 1978 a 1994. Goiânia, Ed. Universidade Católica de Goiás, 1995 p. 19.

<sup>45</sup> Conforme José de Sousa Prado, entrevista concedida ao autor, setembro 1997

<sup>46</sup> idem

<sup>47</sup> Conforme José de Sousa Prado, entrevista concedida ao autor, agosto 1998



de trabalhadores das fábricas, por causa do risco de “*perseguição pela ditadura militar*”, e pelo medo de “*demissão sumária*” de trabalhadores que se envolviam com questões sindicais.

A campanha da Chapa 2<sup>o</sup> tentou mobilizar os trabalhadores promovendo um baile para apresentação dos candidatos da chapa e uma palestra com sindicalista vindo de São Paulo. O objetivo da palestra era tratar sobre o sindicalismo, abordando os seus vários momentos entre os períodos de 1930 a 1980 e a questão do novo sindicalismo que surgia<sup>48</sup>.

Além de todo terreno adverso do período, a chapa de oposição ainda teve de enfrentar um outro problema: em fevereiro de 1982 o delegado regional do trabalho Onésimo Vianna Souza, impugnou três trabalhadores membros da Chapa, João Batista de Lima, candidato ao cargo de 2<sup>o</sup> secretário; Leosmar Martins de Andrade, candidato a um cargo de suplência e de Gilmar Dominici, ao cargo de 1<sup>o</sup> secretário. Mesmo assim, os trabalhos em prol das eleições continuaram.

Conforme esclareceu José Prado, “*todo pedido de impugnação é feito através de um associado do sindicato e acredito que todos estes obstáculos que estão surgindo têm como único objetivo tentar evitar que outra Chapa concorra à eleição*” e acrescenta: “*isto consiste num ato anti-democrático, pois todo o trabalhador tem o direito de concorrer*”<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> Líderes sindicais promovem baile com candidatos - Jornal Primeira Hora - 27/11/82 n° 351

<sup>49</sup> Situação e Oposição lutam pelo Sindicato da Alimentação - Jornal Primeira Hora 14/01/83 n° 387

A Chapa 2 acreditava que o pedido de impugnação era uma forma de evitar a participação e o surgimento de uma oposição dentro de uns dos maiores sindicatos de Uberlândia e que assim pudesse se tornar um exemplo a ser seguido por outras entidades.

No momento de discussão da campanha já fica claro a forma de atuação que se pretendia colocar em prática pela chapa de oposição no interior do sindicato, apesar de haver resistência por parte de alguns associados no momento da eleição. Isso é possível verificar quando da apuração do total de votos distribuídos para cada uma das chapas. A chapa 2 obteve um total de 46,76% dos votos contra 45,35% da chapa 1, tendo apenas 7,89% de nulos e brancos. Essa pequena diferença leva o sindicato a realizar seu segundo escrutínio pois a chapa vencedora não havia obtido a maioria absoluta de 50% mais um, conforme prescrevia a estatuto da entidade<sup>50</sup>.

Por sua vez o segundo escrutínio, foi mais duro ainda, com uma batalha travada abertamente por ambas as chapas. De um lado, a Chapa 1 usou como “slogam” a seguinte expressão: *“Emprego sim, e greve e agitação não”*<sup>51</sup>, afixando uma faixa em frente do sindicato onde estava sendo realizado a votação. Do outro lado, componentes da Chapa 2, acusavam a empresa Granja Rezende de liberar seus funcionários com direito a voto, tomando assim uma posição declarada dentro e fora da empresa em favor da Chapa 1, além de

---

<sup>50</sup> Chapa 2 ganha eleições mas precisa confirmar a vitória - Jornal Primeira Hora - 25/01/83 nº 392

<sup>51</sup> Sindicato da Alimentação realiza o 2º escrutínio - Jornal Primeira Hora - 04/02/83 nº 402



colocar um esquema montado de veículos para a condução de eleitores e trabalho em boca de urna, o que “*constitui numa interferência ilegal, pois a empresa deve ter neutralidade em relação à eleição de entidades representativas de trabalhadores*”<sup>52</sup>” como afirma o integrante da Chapa 2 Gilmar Dominici.

### **Da Eleição à Posse: As Dificuldades da Oposição Para Assumir o Sindicato**

No dia, com a apuração dos votos, a vitória da oposição foi consagrada com um percentual de 54,34% contra 42,66% da situação, tendo como votos nulos e brancos 3,00%. Porém um novo problema seria enfrentado pelos opositoristas: a posse marcada para 25 de fevereiro de 1983 foi suspensa por ordem do delegado regional do trabalho de Minas Gerais<sup>53</sup>, sob a alegação de ainda não ter sido julgado o mandato de impugnação impetrado anteriormente. No entanto, o presidente eleito se posicionou contrário à atitude da suspensão, pois havia conseguido uma liminar em 17 de janeiro de 83. Na defesa elaborada pela chapa de oposição, foi colocado que os trabalhadores, ao

---

<sup>52</sup> idem

<sup>53</sup> A questão da impugnação dos 3 membros da chapa 2, promovido pelo Sr. Onésimo Vianna Souza acabou ficando inconclusa devido ao fato de não termos conseguido o documento de impugnação. Procurado, o Sr. José de Souza Prado, afirmou que o mesmo tinha dado como incinerado pelos órgãos judiciais, devido o prazo de prescrição do documento.



entrarem nas fábricas, eram automaticamente sindicalizados e portanto com igual possibilidade de se candidatar.

*“Quando nós entramos na fábrica a gente era sindicalizado automaticamente, entrava e já assinava um papel de adesão ao sindicato. As pessoas tinham também uma carteirinha do sindicato pra comprová mais expressamente, mais rapidamente que era sócio. Mas quem não fazia a carteirinha também era associado com todos os direitos, porque nos seus contra-cheques era descontado mensalmente a mensalidade sindical e isso segundo a CLT, e segundo o próprio estatuto do sindicato, garantia o direito de associado. Essa pequenina coisa foi utilizada pelo Delegado Regional do Trabalho, senhor Onésimo Vianna Souza como pretexto para impugnação da chapa.”<sup>54</sup>*

Mesmo que a atitude fosse válida, questionou-se ainda que a atual diretoria não deveria permanecer administrando o sindicato, primeiramente pelo fato de ter perdido as eleições e depois, porque o seu tempo de mandato já teria terminado e portanto a atual *“diretoria não está legalizada e seria necessário uma intervenção no sindicato ou a nomeação de uma junta governativa”*<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Conforme José de Souza Prado, entrevista concedido ao autor, agosto 1998

<sup>55</sup> Trabalhadores ainda lutam para dar posse à Chapa 2 - Jornal Primeira Hora - 01/03/83 nº 419

Perguntando sobre o motivo da impugnação,<sup>56</sup> então integrante da situação, Josué F. Reges, alegou que:

*(...) naquele tempo que comecei falar pra você, que você pra candidatar você tinha que mostrar com o seu trabalho que você tinha condições de candidatar, e a chapa que eles fizera não tinha. E o ministério do trabalho cassou. Eles fala que é eu que entrei com o processo, mas não é eu que entrei com o processo, o ministério do trabalho é que não concordava porque eles tinha elementos que não podia participar da chapa. (...) dos 24 eles não tinha 16 para participar da chapa, os outros tudo não tinha condições, não tinha dois anos de ... empresa, um tinha seis mês de que era sindicalizado. (...) naquela época ele (ministério do trabalho) é que dizia se você podia ganha ou não.<sup>56</sup>*

Segundo esse depoimento era visível a interferência do ministério nos destinos do sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Uberlândia. Dessa forma ficava claro que a interferência se relacionava com os mesmos que deveria ser dado pela direção da entidade. O conservadorismo do ministério regional se afirmou mais ainda quando não permitiu a posse da chapa de oposição, mesmo recorrendo a instância superior do ministério no trabalho que ficava em Belo Horizonte.

---

<sup>56</sup> Conforme Josué F. Reges, entrevista concedida ao autor, agosto 1997.

Pode-se perceber que a gestão de Josué foi umas das mais difíceis para a articulação dos trabalhadores na Alimentação, suas ações eram constantemente supervisionadas pelo próprio Ministério do Trabalho que chegava a controlar inclusive a compra de materiais para a entidade. Para uma simples atividade dessa natureza, o sindicato deveria enviar um ofício ao Ministério, e ao ser apreciado, era autorizada a compra. Armando B. Junior expõem que nesse período era comum a interferência nos sindicatos do tipo governistas: *“(...)Toda vida interna dos sindicatos oficiais era rigidamente controlada. Havia o estatuto padrão detalhado e impositivo, regulando até o mínimo detalhes da vida de cada sindicato. As eleições sindicais eram objeto de um controle direto, minucioso e faccioso da parte do Ministério do Trabalho. As receitas e despesas dos sindicatos eram objeto de controle governamental”*<sup>57</sup>

Com essa ação na justiça, a posse da nova diretoria eleita foi protelada até 1986, <sup>herendo</sup> sendo praticamente três anos de luta para que se afirmasse que a chapa de oposição, sob a liderança de José de Sousa Prado, pudesse realmente assumir o sindicato. Nesse período o grupo continuou se reunindo, discutindo e avaliando o processo, mas houve bastante dispersão. Muito se perdeu com a articulação dos aliados e alguns se mostraram arredios.

---

<sup>57</sup> JUNIOR, Armando Boito (ORG). O sindicalismo brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p.46



“Nós éramos vinte e quatro companheiros, sobrou apenas o necessário pra tomar posse três anos depois”<sup>58</sup>. Nas reuniões que se realizavam fora do sindicato pelos componentes da chapa de oposição, discutia-se e fazia-se avaliações sobre a maneira que poderiam chegar à entidade. Chegou-se a debater, por alguns grupos mais extremados, se não haveria a necessidade de invasão e expulsão da antiga diretoria.

Mesmo não assumindo legalmente a diretoria, o grupo que compunha a chapa de oposição dominava as questões das propostas dos trabalhadores afirmam, “Nas assembleias do sindicato, quem dava a palavra final éramos nós”<sup>59</sup>. Como eles mesmos atuando de maneira a mobilizar os trabalhadores e direcionando a questões de votação de propostas.

Os anos que se seguiram na direção da entidade, foram para estabelecer as bases de suas propostas sindicais, abordando primeiramente a formação da categoria, estreitando o contato com as bases, informando e orientando. Não tardaram também as reações do próprio patronato que via com maus olhos este novo tipo de ação sindical.

“O pessoal tinha medo do sindicato, os patrões muitas vezes nos agrediam nas portas das fábricas e a segurança as vezes levantando a gente também...então não foi uma relação fácil...houve fábrica em Uberlândia que

<sup>58</sup> Conforme José de Sousa Prado, entrevista concedido ao autor, agosto 1998

<sup>59</sup> idem

*éramos impedidos de passar o boletins...então precisava conversar com as pessoas que a gente estava exercendo uma profissão, quer dizer um direito constitucional...passar informação do sindicato para os trabalhadores...”<sup>60</sup>*

### **Um Novo Rumo para o Sindicato**

A posse só aconteceu mesmo em 21 de fevereiro de 1986, quando a chapa da oposição ganhou na justiça o direito de dirigir a entidade. Após finalmente assumir a diretoria do sindicato, uma das grandes novidades da oposição foi transparecer as suas ações através de boletins onde informavam a categoria sobre os acontecimentos promovidas pela entidade, como assembleias, festas, eventos e convite para participar do sindicato. Era uma maneira de formar e informar o trabalhador sobre o sentido da palavra sindicato, sua história, suas lutas e conquistas, e acima de tudo seus anseios. Por outro lado era também um veículo de comunicação que tentava mostrar aos trabalhadores os desafios enfrentados com a greve, com a morte em acidentes de trabalho, com a luta e conquistas de outros sindicatos além da questão da política salarial.

---

<sup>60</sup> ibidem.

Os primeiros exemplares eram datilografados, desenhados, recortados, colados e ‘xerocados’, para depois serem distribuídos para os trabalhadores. Essa nova forma de comunicação tinha o intuito de ampliar mais ainda o diálogo entre as camadas mais pobres de trabalhadores com o seu sindicato de base. Primeiro porque os preços dos órgãos de informação da imprensa local e da grande imprensa nacional não permitem que os mesmos fossem adquiridos pelos trabalhadores, e segundo porque a imprensa local constantemente omitiam a atuação dos trabalhadores.

Logo o primeiro Boletim de julho de 1986, deixa claro o seu perfil ao afirmar que *“não é um boletim para os trabalhadores, mas o boletim dos trabalhadores, feito em conjunto”*<sup>61</sup>. Buscava apoiar a possibilidade de estar incluindo o trabalhador dentro do movimento sindical, através de um instrumento que ajude o *“trabalhador a entender melhor os fatos, a realidade brasileira, a conjuntura social, política social”*<sup>62</sup>.

Freqüentemente também eram distribuídos panfletos notificando diversos acontecimentos no dia-a-dia do trabalhador. Esses panfletos tinham o caráter de mostrar o quanto os trabalhadores estavam sendo oprimidos pela estrutura vigente patronal e o quanto necessitavam da ajuda do sindicato para agir como intermediário nos diversos conflitos que envolvia o trabalhador. Veja como foi tratado o furto de uma determinada quantia na empresa ABC-INCO, onde o funcionário suspeito foi levado para interrogatório:

<sup>61</sup> Órgão informativo do STIAU - ano 1, nº 1, julho de 86

<sup>62</sup> idem



*“este trabalhador inocente foi para o 17º batalhão, onde ficou até às 3:30 horas da madrugada, sendo interrogado e sempre pressionado a confessar-se autor do roubo, pois suas vestes pareciam muito com alguém que pulou o muro da empresa, quando um vigia disparou o revólver. O chefe de pátio, da ABC-INCO S/A Sr. Arquílio Carraro foi quem mais pressionava o Carlos a se declarar culpado, pois se não o fizesse ia apanhar demais.”* <sup>63</sup>

A soltura do funcionário só foi efetivada 44 horas depois de ter sido preso e mediante a contratação de um advogado pela família do acusado. O sindicato, por sua vez, sob autorização do funcionário, entrou com Representação Criminal contra a empresa em questão. “O CARLOS foi PRESO ILEGALMENTE. SOFREU VEXAMES E PRESSÕES. FOI CALUNIADO, GASTOU DINHEIRO com advogado e, no final, se PEDE DESCULPAS!!!!” . As letras grafadas em maiúsculas no panfleto tinha a intenção de mostrar o quanto o sindicato se mostrava indignado com a questão, como se quisesse falar em voz alta sobre o abuso sofrido pelo trabalhador.

Num boletim especial, enviados aos trabalhadores da Granja Rezende, colocam num tom de ironia as propostas e contrapostas realizadas na primeira rodada de negociações ocorridas em dezembro de 86:

<sup>63</sup> Conforme órgão informativo A Massa, setembro de 1986.

- Sindicato: 100% do IPC, isto é, se a inflação de janeiro for de 20%, o salário deverá ser corrigido em 20%;
- Granja: 60% do IPC, isto é, se a inflação de janeiro for de 20%, o salário será corrigido em apenas 12%. Exatamente o que a lei já garante!
- Sindicato: reposição salarial de 25%;
- Granja: nada de reposição, porque seus funcionários já ganham bem;
- Sindicato: piso salarial de três salários mínimos ( CZ\$2.412,00);
- Granja: piso salarial de CZ\$1.300,00
- Sindicato: aumento real de 10% de produtividade;
- Granja: aumento de 2% de produtividade;
- Sindicato: melhoria de transporte, contratação de ônibus para transportar os trabalhadores, pois só existe um ônibus e o restante dos funcionários é transportado em caminhão;
- Granja: o transporte é adequado para transportar os trabalhadores. Não é necessário melhorias;
- Sindicato: criação de creche para que as mulheres tenham tranquilidade para trabalharem, já que é lei ( art. 389 da CLT): os estabelecimentos em que trabalham pelo menos 30 mulheres com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação.
- Granja: não tem funcionárias com período fértil;

e acrescenta: *“a Granja disse que tem muita preocupação com seus funcionários e que não há problemas lá dentro, que os salários são muito bons; que o convênio com a Unimed atende a todas as necessidades de seus funcionários; que os trabalhadores da Granja gostam de fazer horas-extras, para receberem em folgas, mesmo sabendo que estão perdendo com isto; que os empregados gostam de cumprir plantão em casa, sem receber nada por isto...”*<sup>64</sup>

Essa forma de colocar as negociações foi uma das maneiras utilizada para chamar a atenção dos trabalhadores sobre a forma como suas reivindicações estavam sendo tratadas com descaso pelos patrões, chamando ao mesmo instante para se organizarem no sindicato.

Ai está uma grande diferença em relação às diretorias anteriores, na forma de divulgação das principais lutas dos trabalhadores encampadas pelo sindicato. Essas lutas acabam muitas vezes sendo negligenciadas pela imprensa local, fugindo do conhecimento do público e dessa forma protegendo o nome da empresa. Essa nova postura acaba colocando em cheque as empresas quando o órgão informativo do sindicato alerta os trabalhadores sobre os riscos e as irresponsabilidades das mesmas:

*“Mais um trabalhador morre vítima da irresponsabilidade do departamento de segurança no trabalho da empresa. Na realidade não existe este departamento e a*

---

<sup>64</sup> Boletim Especial para os trabalhadores da Granja Rezende - dezembro de 86



*culpa é da direção desta casa de lucro e morte, que não se preocupa com as condições de segurança no trabalho. Para justificar esta afirmação, vejam o quadro de horror: a) em 1982 morreu um companheiro no ralo de descarga de soja; b) em 1983 morreu mais um companheiro na seção de solvente; c) em 1988 morreram outros dois no silo de soja d) em 1989, no mês de fevereiro morre mais um outro no silo de carregamento de farelo; e) Agora, no mês de julho, mais um companheiro foi vítima mortal quando lavava a torre de resfriamento de solvente.*

*As vítimas geralmente são companheiros novatos que não conhecem a irresponsabilidade da ABC-INCO. Os trabalhadores mais antigos não entram em situações perigosas, pois já são 'calejados' com as negligências da Empresa"<sup>65</sup>*

---

<sup>65</sup> ABC-INCO: a fábrica assassina - Informativo "A MASSA" - julho 89

Essa posição de embate assumida pelo sindicato, denunciando através de seu informativo "A Massa" as empresas do setor de alimentação quanto aos maus tratos praticados junto aos seus trabalhadores, chegou a criar um ambiente de atrito e de rompimento de algumas dessas empresas com relação ao sindicato. Muitas dessas relações só foram reestabelecidas na justiça. *"Teve empresa que jogou mesmo a toalha, né... 'vamo rompê esse negócio' Queria partir até pra outro sindicato."*<sup>66</sup>, quando anteriormente a relação era definida como sendo *"boa, tanto é que a sindicalização era automática"*

O sindicato querendo que o do trabalhador procurasse identificar com suas lutas, resolveu abolir o processo de sindicalização automática dos funcionários das empresas do ramo alimentício e afins. Essa atitude do sindicato, de sindicalização espontânea por parte dos trabalhadores, apresentou-se de duas formas diferentes. A primeira, possibilitaria o sindicato se fortalecer enquanto representativo da sua categoria, pois seria uma escolha do próprio trabalhador. Por outro lado, as empresas, diante da atuação de forte embate, adotada pelo sindicato, tentaram minar suas bases financeiras, fazendo campanha no interior da própria, persuadindo os trabalhadores para desassociar-se ou para recusarem o desconto da taxa contribuição sindical. O sindicato notificou dessa forma esse tipo de represália patronal:

<sup>66</sup> Conforme José de S. Prado, entrevista concedida ao autor, agosto 1998

*“A diretoria da Granja não gostou nada de ter dançado. Por isso, resolveu se vingar no Sindicato, distribuindo cartinhas pro pessoal assinar, recusando o desconto ( no salário de setembro), da taxa de fortalecimento.*

*O que a empresa não explicou é que o desconto é apenas uma vez por ano, e serve para sustentar o sindicato para lutar por novas conquistas.*

*O tiro vai sair pela culatra, porque todo mundo sabe que ‘se é coisa do patrão, não vai ser bom pro peão’”<sup>67</sup>*

E mais além:

*“Parece que o Sr. Ideraldo Luiz ‘TADIM’ ficou inconformado com o acordo que o sindicato conseguiu na Coca. Afinal, a empresa anunciou que ‘concederia’ um índice máximo de 25% e na luta conseguimos aumentá-lo pra 43,08%, sobre o salário de agosto.*

*O Sr. TADIM ficou tão inconformado que resolveu ‘espontaneamente’ passar um abaixo-assinado na empresa, contra o desconto da taxa de fortalecimento do sindicato.*

<sup>67</sup> Mas os patrões armaram uma vingancinha, informativo “A Massa”, novembro 1990



*Puxa-saco é isso aí; não precisa nem o patrão mandar que já está cumprido....*<sup>68</sup>

Além desses conflitos o sindicato tinha que resolver outro que freqüentemente apareciam no interior das empresas, os chamados “dedo-duro” e os “puxa-saco”. Esses eram trabalhadores que geralmente tinha um cargo de chefia ou de comando no interior da empresa.

*“(...) Acontece que tem um elemento que “puxa-saco” nesta empresa que se chama WILLIAN, fazendo propaganda contra o sindicato e esta metendo os pés pela mãos ao distribuir e incentivar cartas contrárias à taxa de fortalecimento que foi aprovada em assembléia por todos que realmente são comprometidos com seu próprio salário.*

*Se foi aprovado democraticamente em assembléia porque os “puxa-saco” só agora estão contra? Porque não vieram às assembléias para dizer não? Os trabalhadores têm que abrir seus olhos, pois nossos inimigos estão entre nós mesmos. Quem já assinou a carta peça para rasgar. Quem não assinou, não assine, o sindicato somos nós, juntos somos fortes. (...) o tal cérvolo, fica organizando jogos de futebol só*

<sup>68</sup> Coca-Cola e pressão pra valer..., informativo “A Massa”, novembro 1990

*para tirar a atenção do pessoal, agora também está organizando os trabalhadores contra o sindicato”<sup>69</sup>*

O sindicato reclamava que determinados setores como dos “escritórios” eram apenas parasitas, pois só ficavam a espreita das conquistas dos trabalhadores da produção.

*“(...) e o pessoal que trabalha no escritório? continuarão a ser parasitas? ou começarão também a brigar pelos seus salários? nesta campanha só participou o pessoal da indústria e o pessoal do escritório está pegando carona no que os outros conseguiram. milagre é difícil; devemos todos lutar num mesmo sentido”<sup>70</sup>*

Ainda menciona os trabalhadores que traí a categoria, a partir do momento que recebe uma promoção da empresa:

*“O novo “chefinho”, Seu Calango, está fazendo jus à sua promoção. Está entregando os seus ex-colegas, como se já tivesse se esquecido das “sonecas” que ele tirava na sala do*

<sup>69</sup> Recados para os trabalhadores do CBCC ( Consórcio Brasil Central de Carnes), informativo “A Massa”, setembro 1989

<sup>70</sup> idem

*açúcar....olho vivo, Calango, que nem sempre história de puxa-saco tem final feliz... ”<sup>71</sup>*

O que mais chama atenção, é a forma adotada pela entidade para se comunicar através do informativo. Toda vez que o sindicato pretendia chamar a atenção ou mesmo pronunciar-se num tom elevado, utilizava-se o recurso das impressões maiúsculas, dando uma maior ênfase a suas intervenções junto as empresas e aos trabalhadores.

Embora muitos benefícios, parecesse os mesmo das gestões anteriores e aparentemente mantidas nessa nova direção, como Assistência médica, odontológico e oftalmológica, permissão permitindo os associados consultarem por um preço inferior aos praticados pela maioria dos profissionais da cidade. Os preços das consultas ficavam em torno de 40 a 45% menor, possibilitando ao trabalhadores de baixa renda os acessos a estes tipos de serviços. O sindicato também tinha um convênio médico gratuito com o INPS que funcionava através da CASU ( Comunidade Assistencial Sindical de Uberlândia). Eram também oferecidos outros serviços como jurídico ( gratuito); barbearia (10% do valor); salão de beleza (30% do valor), fotocópias (50% do valor) e salão de festa com som ( 25% do valor). Estes serviços prestados tentavam atrair para o sindicato uma maior participação de associados, pois muitas empresas

<sup>71</sup> Coca-Cola tem dedo-duro pra valer, informativo “A Massa”, janeiro 1991



nesse período não ofereciam os serviços médicos, odontológicos<sup>5</sup> e oftalmológicos.

Porém o que José de S. Prado ressalta é que o sindicato deve assistir o associado, mas sem cair no assistencialismo permanente:

*“(...) todo o sindicato fazem isso é vou te dar exemplo, sou associado, preciso de uma cadeira de roda...nos fizemos campanha para adquirir essa cadeira de roda, ele não tem que pagar do caixa do sindicato. Se o trabalhador é de uma fábrica, a gente vai nessa fábrica, incentiva os companheiros a intervirem nessa situação e resolver. A gente tem também convênios médicos e dentários, justamente hoje com a alta substancial desses serviços, e é preciso baratear os custos para que os trabalhadores possa usufruir desses direitos, mas pra nós o interessante que o trabalhador conquiste salários, para poder Ter essa saúde”<sup>72</sup>*

Nesse mesmo período, foi <sup>vinculada</sup> ~~vinculada~~ nas empresas uma cartilha que se dizia confidencial, contendo informações que diziam respeito as greves e intitulava-se “GREVE - como prevenir e desmobilizar”. A cartilha, <sup>era</sup> feita ~~era~~ em forma de manual, e definia greve como “uma manifestação trabalhista que consiste na redução do ritmo de trabalho numa ação coletiva, como meio

<sup>72</sup> conforme José de S. Prado, entrevista concedida ao autor, setembro, 1997

*de pressão contra o empregador” sendo seus objetivos um “instrumento de pressão que visa persuadir a empresa a mudar sua posição de negociação”.* Apresentam também alguns conceitos básicos sobre estratégias e recomenda como prevenir e desmobilizar as greves. A finalidade dessa cartilha era instruir os funcionários e chefias sobre os prováveis riscos que uma greve poderia causar, inclusive a sua própria demissão. Outra finalidade seria desmobilizar e desmoralizar o sindicato impedido suas ações. Ver anexo.

Frente a essa atitude o sindicato reagiu divulgando uma nota explicativa em seu informativo “A Massa” condenando esse tipo de prática:

*“ A luta dessa diretoria começou muito antes de tomarmos posse. Basta lembrar que brigamos na justiça para tomar posse, três diretores foram demitidos pela ABC-INCO em 84, contrariando a própria lei, que assegura estabilidade no emprego para os diretores do sindicato.”* E acrescenta: *“as pessoas com cargo de confiança fazendo este trabalho de difamação: querendo jogar os trabalhadores contra o sindicato. Estas pessoas estão contra os trabalhadores por que estão enfraquecendo o sindicato, pode ser que estas pessoas façam isso inconsciente...”*<sup>73</sup>

A nota tentava esclarecer que a luta do sindicato contra a opressão e pela melhoria salarial nesse período, era de todos os associados e

<sup>73</sup> Mais denúncias, informativo “A Massa”, junho de 1988 n° 08

não da diretoria em si. A diretoria tinha apenas a função de encaminhar as deliberações apuradas em seu órgão máximo, as assembléias.

Outra estratégia utilizada pelo sindicato foi <sup>(a)</sup> uma campanha de sindicalização desencadeada em junho de 1988 que tinha como objetivo fortalecer as suas bases. Para isso foi criada uma cartilha e um personagem “O Caverinha”. A história em quadrinhos <sup>aparentem</sup> mostrava uma narrativa simples e bem humorada, possibilitando atingir até as camadas de trabalhadores com menor grau de escolaridade.

A intenção também <sup>era</sup> visava combater com a mesma estratégia, a referida cartilha “GREVE- como prevenir e desmobilizar”, que usava uma linguagem mais sofisticada e de difícil assimilação pela maioria dos trabalhadores. Assim, ao mesmo tempo atacava-se de frente os patrões e conclamava-se os trabalhadores a se sindicalizarem na defesa de seus direitos, adotando para isso um discurso mais forte:

*“Companheiros, não vamos pedir por favor nem implorar para você se sindicalizar. Isso aí é uma questão de princípios, de dignidade, ou você se sindicaliza fortalecendo a organização da sua própria classe ou você dança...(...) Você vai dançar porque acreditou no papo das chefias e dos patrões, metendo pau no sindicato com o único propósito de defender os seus lucros. Você vai dançar porque está debilitando uma*



*entidade realmente representativa dos teus interesses e de toda a classe trabalhadora - 'O SINDICATO' ...<sup>74</sup>*

As campanhas de sindicalização continuaram deste então, tentando fortalecer a entidade, ao mesmo instante que visavam conscientizar os trabalhadores sobre a sua representatividade, que constantemente se via ameaçadas pelos "boatos".

As lutas travadas no interior do STIAU, que antes pareciam apenas resguardar os direitos dos trabalhadores, como melhoria dos salários, combate ao corporativismo sindical e em defesa de novas conquistas e direitos do trabalhador, passam a ser também uma luta em defesa claras relações políticas posicionando fortemente contra a dominação capitalista. Essa posição assumida pelo sindicato obviamente não está descontextualizada, ela tem suas raízes num movimento mais amplo desenvolvido no país e qualificado como "autêntico" e "combativo". Uma das expressões dessa nova opção política adotada no STIAU foi a desisção da categoria filiar-se a Central Única dos Trabalhadores (CUT) ocorrida em julho de 1989, essa decisão foi precedida por longos anos de contato, de participação em congressos e de discussões para que se chegasse a certeza de que essa seria a corrente que o STIAU iria assumir enquanto entidade. Em março de 1988, o sindicato promoveu o seu primeiro encontro de formação sindical, que teve como tema o surgimento das

<sup>74</sup> Cartilha da campanha de sindicalização, junho de 1988.

Ver também Informativo A Massa, ano II, nº 8, de junho de 1988.

Centrais Sindicais. A intenção era preparar a categoria para a proposta de adesão a uma das centrais sindicais existentes.

### **A Filiação a CUT**

Oitenta foram os anos de revitalização e transformação das organizações dos trabalhadores brasileiros. Foi um período de retomada grevista, de explosão do sindicalismo dos assalariados médios e dos setores de serviços, do avanço do sindicalismo rural, do nascimento das centrais, da consolidação da organização dos trabalhadores nas fábricas e de um significativo aumento no índice de sindicalização.

Na história operária do país, inúmeras foram as tentativas buscadas pelo movimento sindical brasileiro, ao longo de sua secular história, no sentido de criar uma central sindical de âmbito nacional. Várias foram as tentativas de organização de uma entidade nacional que unificasse sindicalmente as forças do trabalho. Dentre essas experiências cabe destacar a iniciativa das militantes anarquistas ao fundarem a Confederação Operária Brasileira (COB), no primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906 e a ação dos militantes comunistas com a criação, em 1929, da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), objetivando unificar o movimento sindical do país. Essas e outras organizações possibilitaram a realização de inúmeras greves, inclusive gerais, e a conquista de importantes reivindicações, tais como



jornada de trabalho de oito horas, direito de férias e décimo terceiro salário. Essas lutas de trabalhadores, como tantas outras, sofreram com a mesma intensidade dos seus ideais, as terríveis perseguições e repressões causadas pelo aparelho de Estado e pelos empresários.

A partir do Golpe militar de 1964, houve uma retenção profunda no avanço da luta dos trabalhadores do país, a implantação do regime ditatorial quando o movimento sofreu violenta repressão policial, com torturas, intervenções em entidades de classe, cassação de dirigentes sindicais combativos e imposição de dirigentes subservientes ao governo e ao patronato, como nos lembra Silvio Costa, mesmo com a imposição da legislação brasileira as lutas dos trabalhadores não se restringiram aos limites estreitos do sindicalismo imposto pelas estruturas sindicais corporativistas, mas sempre estiveram relacionadas às conquistas de espaços e liberdades democráticas. “O atrelamento dos sindicatos ao Estado, a violência institucionalizada contra o movimento sindical, o surgimento e a proliferação de diretorias pelegas não foram suficientes para impedir as articulações intersindicais, o ímpeto de luta pela transformação da estrutura sindical e a construção de centrais sindicais unitárias.”<sup>75</sup>

Por isso, nem mesmo a violenta repressão praticada pelos governos militares no país, impediram os trabalhadores de irem à luta em busca de seus objetivos. Nesse sentido, em 1981 em Praia Grande, São Paulo, aconteceu

<sup>75</sup> COSTA Silvio, Tendências e Centrais Sindicais: o movimento sindical brasileiro de 1978 a 1994. Goiânia, Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1995 p.26



com grande expressividade a primeira Conferência Nacional da Classe Trabalhadora ( Conclat ). Pela primeira vez desde 1964, trabalhadores de todo o país, reúnem-se para unificar suas lutas e discutir sua organização nacional. O encontro contou com a presença de 1.091 entidades sindicais e 5036 delegados representando entidades vinculadas aos assalariados urbanos e rurais, operários fabris e funcionários públicos, assalariados médios e trabalhadores em serviços.<sup>76</sup>

Na fase embrionária da criação da Central Sindical, duas correntes confluíram numa mesma direção: a do “novo sindicalismo” simbolizada pelo Sindicato dos Metalúrgico de São Bernardo, que vinha questionando a prevalência da burocracia sindical e do peleguismo sobre as entidades sindicais e as “oposições sindicais” - tendo como melhor exemplo dessa corrente a Oposição Metalúrgica de São Paulo - , que defendia a luta pelo organismo de base, especialmente pelas comissões de fábrica, independentes da estrutura sindical. A CUT ao ser criada acabou sendo o leito natural de várias correntes, tendências, agrupamentos e individualidades que atuavam no universo sindical combativo. Suas principais lutas abordavam o arrocho salarial, desemprego, redução da jornada de trabalho, contra a superexploração da força de trabalho, extinção da hora extra, por estabilidade às mulheres grávidas, contra qualquer discriminação social e econômica, pela reforma agrária, etc. Esse é portanto o panorama geral da criação da Central Única dos Trabalhadores. Cabe ressaltar que ela foi a base para muitas

---

entidades sindicais, que diversos lugares do país tomaram-se como referência na luta contra as diversas formas de exploração a que estão sujeitos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.

Também aos olhos dos dirigente do sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Uberlândia, a CUT aparece como sendo a entidade mais “*democrática*” no processo de construção do sindicalismo:

*“(...) o que eu chamo de democrático é que as bases sempre é ouvida, sempre para tomar uma decisão é convocado o pessoal, é passado para eles e uma informação do que se trata do porque está pedindo, o que se está querendo, que se está prevendo, então com isso o pessoal pode opinar e se manifestar”*<sup>77</sup>

A filiação do STIAU à Central Única dos Trabalhadores (CUT), somente se efetuou em 23 julho de 1989<sup>78</sup>. Embora essa aproximação já houvesse ocorrido no processo da criação da CUT, aqueles trabalhadores precisaram de um período de contado, de participação em congressos e de discussões para chegarem à conclusão de que essa seria a corrente que o STIAU iria assumir. Em março de 1988, o sindicato promoveu o seu primeiro encontro de formação sindical, que teve como tema o surgimento das Centrais Sindicais. A intenção era preparar a categoria quanto a filiação desta entidade a uma das centrais sindicais brasileiras.

<sup>77</sup> conforme José de Sousa Prado, entrevista concedida ao autor, agosto de 1997

<sup>78</sup> Ata de assembléia de 23/ 07/89

Conforme se nota no texto abaixo, nesse primeiro encontro já se procura estabelecer qual a linha política de atuação que o sindicato pretendia seguir:

*“O surgimento das centrais sindicais foi pela necessidade de unidade na luta dos trabalhadores, porque as lutas isoladas eram muitas e de difícil solução. A preocupação dos sindicatos com a formação das lideranças para enfrentar as negociações salariais, para resgatar a força política da classe trabalhadora, como construtora da riqueza desde pais.*

*Pois mesmo sendo maioria, sempre fomos massacrados pela política sócio econômica dos governos e patrões, que sempre procura arrochar nossos salários para manter suas margens de lucros e seus compromissos com os banqueiros internacionais e o FMI. Outro fator de importância para a central sindical é a luta pela reforma agrária no fortalecimento dos sindicatos de trabalhadores rurais, fazer pressão para que terras improdutivas sejam desapropriadas.”<sup>79</sup>*

---

<sup>79</sup> “Encontro de formação sindical, sindicalismo e central sindical”, informativo “A Massa”, março de 1988



Os protestos como arrocho salarial, rompimentos dos acordos com FMI ( Fundo monetário internacional), a reforma agrária e a “*política econômica do governo e patrões*” mostram que o empenho do sindicato em defesa dos ideais dos trabalhadores passaria por uma fase de embate diante de governo e dos patrões. Muitas outras propostas já haviam sido discutidas no Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) – congresso de fundação - realizada em São Bernardo, São Paulo em 1983, e no qual contou também com lideranças do próprio STIAU.

*“Em 1983 em 28 de agosto, nós estávamos em São Bernardo na aprovação da CUT. Porque não houve mais condições de andar com Joaquinzão que era um dos metalúrgicos de São Paulo e com outros sindicatos que ao invés de ter um apoio da base, era mais tirado das diretorias do sindicatos enquanto a CUT pregava, delegados de base, delegados tirados das fábricas né em número equivalente da direção.”<sup>80</sup>*

Entre as mudanças operadas no sindicato com filiação à CUT, destaca-se unificação das lutas, que antes eram apenas tratadas numa pequena região. A união com a CUT possibilitou mostrar as diversas formas de opressão que o trabalhador sofre em várias pontos do país as quais, ao invés de serem defendidas separadamente, passam a convergir para um único setor,

<sup>80</sup> conforme José de S. Prado, entrevista concedida ao autor, agosto de 1997

possibilitando o seu conhecimento, o estudo das formas de ação e unificação de trabalhadores de diversos ramos de atividades.

Como o STIAU fazia questão de estampar nas páginas do seu informativo, “ a CUT veio para engrossar as lutas que são de cada um de nós trabalhadores que construímos a riqueza deste imenso país. Veio para reforçar a nossa união, para que juntos possamos fazer parte da história e construirmos um sindicalismo de massa, Classista, transformador e independente dos patrões e do governo”<sup>81</sup>

De fato, a necessidade dessa organização dos trabalhadores ao STIAU também se fazia dentro da própria luta de classes, devido principalmente à organização da classe patronal através de suas representações no Brasil, no Estado e no município (CNI; FIEMIG e ACIUB).<sup>82</sup>

Como há muito tempo já alertou Thompson:

“(...) a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”<sup>83</sup>.

<sup>81</sup> Para que a CUT?, informativo “A Massa”, julho de 1989

<sup>82</sup> Ata de assembléia 23 /07/89

<sup>83</sup> THOMPSON, E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa, vol. 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Como reconhecem os próprio dirigentes, com a filiação à CUT, o sindicato adquiriu uma *"visão mais ampla de sindicalização"*, possibilitando integrar-se à sociedade de forma mais ampla, não sendo prisioneiro da fábrica, *"um sindicato que atinge a sociedade como um todo, um sindicato que fala para a sociedade e pega projetos importantes"*<sup>84</sup>

No período aqui pesquisado, a primeira vista é possível se deduzir que a maioria das greves e paralisações colocadas e praticadas pelos trabalhadores vinculados ao STIAU foram referentes a questões de ordem econômicas salariais. Contudo se centrarmos nossa análise apenas no que se refere a isso, poderemos cair no erro de minimizar as lutas desses trabalhadores desprezando a sua importância política. Além do mais as greves e as paralisações não foram capazes de esgotar os conflitos existentes na relação capital-trabalho, mas apenas de atenuar alguns deles na medida que mostrava frente à classe patronal a força que insurgia diante da superexploração do trabalhador. As greves geradas revelam que diante da insatisfação econômica, outras questões também compunham o quadro de insurgências, como descontentamento social e político, demandas trabalhistas e até estratégias de consolidação de novas lideranças sindicais.

A primeira greve que realmente casou impacto não estava relacionada a toda a categoria, mas parte dela. Foi a greve da Souza Cruz, ocorrida entre agosto e setembro de 1986. Até a deflagração da greve, várias assembleias foram

---

<sup>84</sup> Entrevista com José de Sousa Prado, Uberlândia, agosto de 1997



realizadas e debatidas as reivindicações. No entanto, a empresa se mantinha irredutível nas questões exigidas pelos trabalhadores. Em 10 de agosto de 1986 foi realizada uma assembléia no sindicato e por votação secreta entre os trabalhadores, ficou decidida a paralisação por 24 horas das atividades industriais<sup>85</sup>. Outra assembléia, de 17 de agosto do mesmo ano, foi realizada uma avaliação do ocorrido e foram estipulados as margens de negociação que poderiam ser negociadas com a empresa. Dentre as várias margens propostas (entre 80 e 55%), o que ficou decidido foi que o sindicato poderia negociar até o limite de 55% de reajuste no mínimo<sup>86</sup>.

Novamente os trabalhadores se reúnem em 31 de agosto de 1986, para avaliarem a negociação. Os trabalhadores resolvidos ir até o final, rejeitaram a proposta da empresa e declararam entrar em greve por tempo indeterminado no dia seguinte<sup>87</sup>.

Na intenção de pressionar a empresa a negociar com os trabalhadores, o acontecimento revelou outro aspecto ainda não exposto até o momento, a capacidade de organização coletiva. Assim, a categoria anunciava:

*“As 23 horas de dia 1º de setembro de 1986, conforme decisão em assembléias do domingo anterior, 90% (noventa por cento) dos funcionários da Cia de Cigarros Souza Cruz entraram em greve.*

---

<sup>85</sup> Ata de assembléia 10/08/86

<sup>86</sup> Ata de assembléia 17/08/86

<sup>87</sup> Ata de assembléia 31/08/86

*Depois de longas horas de negociações em vão, devido à intransigência da CIA, e com salários baixíssimos, só restaram mesmo parar. Foram 11 dias de vigílias e sacrifícios dos companheiros e companheiras da Souza Cruz, mostrando sua disposição de luta e organização.*

*Mesmo com ostensiva presença policial, os trabalhadores, aplaudiam, vaiavam e cantavam, apesar do sono, cansaço e noites frias lutando por melhores salários e condições de trabalho dignas.<sup>58</sup>*

A pauta de reivindicações continham trinta e nove cláusulas, que correspondiam ao reajuste salarial de 100% do IPC ; aumento de 50% sobre o salário ajustado; piso salarial de dois salários e meio; adicional de 3% para todos os trabalhadores; por ano de serviços prestados; adicional noturno na base de 50%; extinção da hora extraordinária ou seu pagamento na ordem de 100% da hora normal; um salário de gratificação de férias; fornecimento de transporte gratuito no trajeto entre empresa e residência; gatilho de 5% com base no IPC; equiparação salarial para todos os funcionários que exerceram as mesmas funções; insalubridade e periculosidade; estabilidade pelo prazo de vigência do acordo coletivo de trabalho; garantia de emprego para a trabalhadora gestante; garantia de 120 dias de emprego para o trabalhador cuja

---

<sup>58</sup> Greve na Souza Cruz, informativo A Massa, setembro de 1986

esposa é gestante; garantia de 180 dias de emprego para o trabalhador acidentado no trabalho; garantia de emprego para os trabalhadores que prestem serviço militar obrigatório; redução da jornada de trabalho para 40 hora semanais; comissão de fábrica com estabilidade; livre trânsito dos diretores do sindicato nas dependências da empresa; creche; publicação em edital de eleições da CIPA; remanejamento do trabalhador quando da redução o desativação do local de trabalho; salário igual ao anterior do trabalhador substituído; fornecimento ao sindicato do número de acidentados no trabalho; fornecimento de equipamentos de segurança individual ao trabalhador; assistência médico-hospitalar, odontológico, psicológico e psiquiátrico gratuita para trabalhadores e dependentes; aviso prévio; complementação salarial a título de auxílio doença; licença prêmio; auxílio escolar; auxílio funeral; fornecimento de uniformes gratuitos; fornecimento de demonstrativo de pagamento; menção na rescisão de contrato de trabalho do motivo da dispensa; aceite do atestado médico com abono de faltas; consideração de faltas para estudantes em épocas de exame escolar e desconto do trabalhador da contribuição sindical<sup>89</sup>.

As várias propostas tentavam amenizar os diversos serviços que ainda atormentavam a maioria dos trabalhadores. Embora a greve ocorrida na Souza Cruz não houve resultados favoráveis nas questões econômicas reivindicadas

---

<sup>89</sup> Ata de assembléia 20/07/86



pela categoria, foi um exemplo marcante da ação coletiva, que resultou em significativo aprendizado político para o conjunto dos trabalhadores::

*"(...) Apesar de não conseguirmos ganhos econômicos, no dia 11 de setembro, voltamos ao trabalho de cabeça erguida e com grande saldo de experiência, pois alguns dias após o fim da greve, a empresa dava um aumento espontâneo que variou aproximadamente de 6 a 15%, tentando normalizar a produção e o ambiente de trabalho"*<sup>90</sup>

A partir da greve desencadeada na Souza Cruz, várias outras também surgiram posteriormente conquistando pontos importantes para a categoria da Alimentação. Na Refrigerantes do Triângulo por exemplo, os trabalhadores:

*" fizeram greve no dia 12 deste (setembro 89), reivindicando melhores salários e condições de trabalho. A greve durou um dia, e foi feito o acordo com a empresa onde os trabalhadores conquistaram: 22,5% de aumento real, sobre os salários de setembro, lanche a partir de 16 de outubro, cumprimento da cláusula 17 da convenção coletiva (equipamento de segurança), a empresa acabou com o cartão*

---

<sup>90</sup> Greve na Souza Cruz, informativo A Massa, setembro de 1986

*2 ( horas extras). Conquistamos ainda: 90 dias de estabilidade, o pagamento do dia parado, a manutenção da cesta básica”<sup>91</sup>*

Com as greves, os trabalhadores também aprenderam a buscar apoio da população, divulgando através de panfletos o que ocorria no interior das fábricas. Dessa maneira, além de mobilizar a população para que se solidarizasse com os grevistas, as greves passaram a funcionar como instrumento de politização mais amplo, na medida em que, através delas, vários setores da população uberlandense puderam perceber as variadas práticas de dominação e exploração mantidas pelos empresários locais, os quais, em outras circunstâncias estiveram sempre restritivos aos trabalhadores que as experimentavam concretamente.

---

<sup>91</sup> Pepsi: um dia de greve, informativo A Massa, outubro de 1989

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Propósito desse trabalho foi estudar o movimento sindical entendendo-o como um dos instrumentos pelos quais a classe trabalhadora se organiza para defender os seus direitos e reivindicar melhores condições de trabalho e de vida, frente a superexploração praticada pelos mecanismos capitalistas. Neste caso, tratamos especificamente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústria de alimentação de Uberlândia.

A industrialização em Uberlândia, principalmente nos anos 50, foi capaz de mudar as relações existentes no interior da cidade, na medida em que uma massa de trabalhadores rurais para cá se deslocou em busca de melhores oportunidades de trabalho e garantias de melhores condições de vida.

É importante ressaltar que a formação do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústria de Alimentação de Uberlândia, se deu apoiada em outras entidades já existentes na cidade, como o Sindicato dos Trabalhadores na Construção e do Mobiliário de Uberlândia e os Círculos Operários. Foi interior destes que suas primeiras reuniões aconteceram, e suas primeiras lutas começaram a ser tratadas e que posteriormente deram origem ao STIAU.

O primeiro capítulo é na verdade uma volta das origens, onde estes trabalhadores, especialmente ligados á Alimentação, fizeram para se organizarem em locais de atuações próprias e assim enfrentarem as diversidade que o contexto



social e urbano lhes proporcionara. Frisa-se também que as organizações surgidas desempenharam grandes transformações na sociedade na medida que, ao longo de sua trajetória, foram capazes de intervirem nos mecanismos de opressão capitalista, de se organizarem em entidades constituídas por trabalhadores e reivindicarem seus direitos, como moradia, saúde e trabalho digno.

No segundo capítulo, dar-se-á no interior do STIAU uma nova proposta para condução do sindicato, que tem como proposta, transformar numa entidade que represente sua categoria e faz-se por ela representada. Os longos caminhos percorridos por essa nova linha de atuação, esbarraram-se nas burocracias do Estado, que não deixavam de lado as interferências no interior da instituição. Pacientemente, como fazem bons mineiros, conseguiram vencer as barreiras imposta à instituição e assim tomar posse. Direito sagrado, já que democraticamente foi eleita por unanimidade por sua categoria. Novas transformações se seguiram, e o sindicato, filiando-se à Central Única dos Trabalhadores em 89, ampliou sua atuação política, compreendendo que outros também lutavam por direitos iguais aos seus. A partir desse momento, as lutas foram estendidas para além da sua própria categoria, fortalecendo bases que anteriormente se viam em atuações particulares.

## BIBLIOGRAFIAS

- AGEE, Philip. Dentro da companhia – Diário da Cia, São Paulo, Círculo do Livro, 1976.
- ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos. Uberlândia Operária? – uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia – 1950-1964, Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1992.
- ANTUNES, Ricardo. Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil, 2ª ed., São Paulo, Cortez, 1988.
- ANTUNES, Ricardo. O novo sindicalismo no Brasil, 2ª ed., São Paulo, Pontes, 1995
- \_\_\_\_\_. O que é sindicalismo. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- CANÊDO, Leticia Bicalho. A classe operária vai ao sindicato, 2ª ed., São Paulo, Contexto, 1991
- COSTA, Silvio. Tendências e centrais sindicais: o movimento sindical brasileiro 1978-1994, Goiânia, Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1995
- FREDERICO, Celso Org. A esquerda e o movimento operário 1964-1984 – Reconstrução. Vol. 3, Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991
- FREDERICO, Celso Org. A esquerda e o movimento operário 1964-1984 – A crise do milagre brasileiro. Vol. 2. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990.
- FREITAS, P. S.R. & SAMPAIO, R. Cury (cood). Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do triângulo Mineiro e alto Paranaíba. Uberlândia, UFU, 1985.
- HOBSBAWM, Eric J. Mundos do trabalho, novos estudos sobre história operária. Trad. Waldea B. e Sandra B., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWM, Eric J. Os Trabalhadores. Trad. Marina L.T.V. Medeiros, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- JUNIOR, Armando Boito (ORG). O sindicalismo brasileiro nos anos 80, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- RODRIGUES, Jane de F. S. Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924-1964. Dissertação de Mestrado, USP, 1989.



- RODRIGUES, Kátia Sousa. Era uma vez em São Bernardo: o discurso sindical dos metalúrgicos – 1971/1982. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1995.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos e Sindicatos. São Paulo, ática, 1990
- SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiência, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-80. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. 4ª ed, Trad. Mario Salviano Silva, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- SOARES, Beatriz Ribeiro. Habitação e produção do espaço em Uberlândia. Dissertação de Mestrado, USP, 1988.
- TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central. História da criação do Município de Uberlândia. Uberlândia Gráfica Ltda. Editora, 1960.



## **FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS**

### **Ata:**

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústria de Alimentação e Afins de Uberlândia-  
1959-1989

### **Jornais:**

O Estado de Goyas; 1942/1945

O Correio de Uberlândia; 1958/1964

Jornal Primeira Hora; 1982 a 1988

O Repórter; 1955/1960

Folheto/ Informativos:

Informativo A Massa; 1986 a 1991

Tamanduá Bandeira – exemplar julho de 1991

### **Revista;**

ISTOÉ . no 1458 de 10/09/97;

### **Locais de Pesquisa:**

Arquivo Público Municipal;

Sindicato dos Trabalhadores na Ind. da Alimentação e Afins de Uberlândia;

Centro de Estudos e Documentação em História – CDHIS;

Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia.

ANEXO

**CONFIDENCIAL**

**GREVE**  
- Como Prevenir  
e Desmobilizar